

Gazeta dos Caminhos de Ferro

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Fundada em 1888 por L. DE MENDONÇA E COSTA

Director, Editor e Proprietário: CARLOS D'ORNELLAS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Horta Seca, 7, 1.º — LISBOA — Telefone: P B X 2 0158; Direcção: 2 7520

Premiada nas Exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898. — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Porto, 1897 e 1934, Liège, 1906; Rio de Janeiro, 1908. — MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, (Estados Unidos), 1904

Delegado no Porto: CARLOS ROCHA, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 65-2.º, Telefone 2 4736

Delegado em Espanha: JUAN B. CABRERA, Apartado 4069, Madrid

1469

1 — MARÇO — 1949

ANO LXI

Número avulso: Esc. 5\$00. Assinaturas: Portugal
(semestre) 30\$00 Africa (ano) 72\$00. Números
atrazados 7\$50 — Números Especiais (avulso) 25\$00

REVISTA QUINZENAL

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

CONSELHO DIRECTIVO :

General RAÚL ESTEVES
Coronel ALEXANDRE LOPES GALVÃO
Engenheiro RAÚL DA COSTA COUVREUR
Engenheiro AUGUSTO CANCELA DE ABREU
Engenheiro LUIZ FERNANDO DE SOUZA

DIRECTOR:

CARLOS D'ORNELLAS

REDACÇÃO:

Engenheiro ARMANDO FERREIRA
ALVARO PORTELA
REBELO DE BETTENCOURT

COLABORADORES:

General JOÃO DE ALMEIDA
Coronel de Eng.º CARLOS ROMA MACHADO
Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES
Coronel de Engenharia ABEL URBANO
Major de Engenharia MÁRIO COSTA
Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN
Capitão de Engenharia JAIME GALLO
Major-Aviador HUMBERTO CRUZ
ANTONIO MONTEZ
Engenheiro Capitão ADALBERTO FERREIRA PINTO
Dr. MANUEL MÚRIAS
GUERRA MAIO
Dr. BUSQUETS DE AGUILAR
CARLOS C. S. GONÇALVES
CARLOS BIVAR
J. L. COELHO DOS REIS
Professor VIDAL CALDAS NOGUEIRA

COLABORADOR ARTÍSTICO:

STUART DE CARVALHAIS



S U M Á R I O

Caminhos de Ferro de Sião, por <i>CARLOS BIVAR</i>	163
Notas da Quinzena, por <i>REBELO DE BETTENCOURT</i>	166
Problemas Sociais, pelo <i>Professor VIDAL CALDAS NOGUEIRA</i>	167
Imprensa	168
Vida Ferroviária	168
Caminhos de Ferro Coloniais.	168
Efemérides Ferroviárias, por <i>CARLOS NONO</i>	169
História da Ínsua, pelo <i>Dr. BUSQUETS DE AGUILAR</i>	171
Ainda a nova tarifa dos Correios	174
Há 50 anos.	176
Espectáculos	176
Recortes sem Comentários	177

Caminhos de Ferro de Sião

Por CARLOS BIVAR

O panorama político e fisiográfico que o território do secular reino de Sião ou Siam, confinado entre a Birmânia e a Indo-China, oferecia às investigações e à literatura do século XVIII, era o de estagnação e de marasmo em que se consumia a existência dos siameses, alternadamente debatendo-se por rivalidades, em guerras com os vizinhos ou em defeza do «habitat», que era descrito como incluindo a sua vizinhança costeira várias ilhas, umas dependentes do reino ou de outras dele independentes e, interiormente, atravessado por um grande rio, de cuja fertilidade os terrenos margino-aluviais dependiam, analogamente aos do Nilo, no Egipto, e o qual constituia viveiro de hidrossáurios de exótica monstruosidade. Os lodos, arrastados pelas correntes das ribeiras, disseminadas pelo país, convergindo para o mar, acumulavam-se em barreira, entupindo a entrada dos portos principais do reino impondo à cabotagem média e grossa, impedimento grave para o comércio embrionário daquele que, nos séculos posteriores, haveria de prosperar de modo notável, já desanquilosado de velhos liames que lhe tolhiam os movimentos.

Sob o ponto de vista florestal, Sião foi naturalmente bem dotado produzindo excelentes madeiras de construção. Lá abunda a téca, a árvore do ferro cuja madeira é tão pesada que se emprega na construção de âncoras, madeiras para tinturaria e outras árvores e arbustos ornamentais de floração odorífica. Sob o aspecto mineralógico também lhe coube dosagem apreciável, lá se encontrando o cristal, o ferro, o antimónio, o esmeril, o chumbo, o estanho e outros minérios de maior ou menor

valor industrial. Cabe-lhe a fama de ter inventado o tabaco, pechisbeque. A pedra preciosa faz-se representar pelas ágatas, safiras e diamantes. O clima demasiado quente exerce, portanto, a sua acção modificadora nos vegetais e na aromatização floral.

Isto pelo que respeita ao velho Sião. Mas se consultarmos as obras que, actualmente, (1948), se ocupam desse país, verificaremos que a abertura de comunicações e de consideráveis obras de drenagem levadas a cabo transformaram Sião num grande entreposto exportador orizícola, pelo alargamento da área cultivável dessa gramínia, base alimentar de vários dos povos asiáticos e também, ao presente, de largo consumo em alguns países europeus.

O antigo assoreado porto de Bangkok prosperou paralelamente, devido à actividade e concorrência industrial e comercial britânica e chinesa, permitindo o estabelecimento de carreiras de navegação por barcos a vapor exercendo o tráfico entre Sião, Singapura e outros portos da Malaia, do Extremo Oriente e também doutras em conexão com barcos de companhias europeias.

* * *

Á elementar objectividade e ao senso político dos governadores portugueses da Índia, não escapava a conveniência de entarem relações com os potentados do Oriente, distantes ou próximos dos portos básicos de operações ou entrepostos comerciais que detinham, em nome do rei de Portugal e, assim, Albuquerque, cujos talentos e conhecimentos de administração aliados às qualidades de estratégia, de propósitos de-

terminantes de êxito de grandes empresas quando o corsário, capitão do rei de Bisnegá, Timoja, lhe sugeriu a prestação do seu auxílio para a conquista de Gôa, relativamente fácil pela oportunidade das dissidências internas originadas na escolha de um reinante, Albuquerque viu o imediato proveito que tal oportunidade lhe oferecia para o estabelecimento de um triângulo estratégico, marítimo e comercial; Gôa, Ormuz e Malaca assenhoriadas e basicamente constituintes do poderio português no Oriente, seria a derivação, pelo menos parcial, do valioso tráfico que era então exercido por Alexandria e Veneza.

Conquistado por esse grande capitão o reino de Ormuz, em 1507, e construída a sua fortaleza, instalado em Gôa, e organizada a sua administração, o infatigável governador tratou de apetrechar a sua esquadra e de armar e equipar as gentes de guerra com as quais atacaria a cidade de Malaca na península do mesmo nome.

Em 1511, já na posse de tal cidade, Albuquerque meteu mãos à obra da organização administrativa da nova conquista, começando pelo envio de embaixadores aos reinos vizinhos com o fim de aumentar o tráfico marítimo, do qual dependia a principal receita a cobrar na respectiva alfândega, sem a qual não seria possível o aprovisionamento da Armada, nem o pagamento dos honorários dos oficiais e gentes de guerra, que combatiam em prol da sustentação e engrandecimento do império português.

Os lusitanos ousados e aventureiros que argonautaram pelos mares da Sunda, de Java, de Banda, das Célebes, pelos estreitos de Malaca, de Karimata e de Makassar não deixariam, certamente, permanecer no olvido ou no mistério da sua existência o Golfo de Thailand, avançando até ao Norte, a alcançarem a cidade principal do reino de Sião, com o soberano do qual Albuquerque resolvera encetar relações amistosas, que o mesmo é dizer comerciais, pois os juncos siameses que encontrara em Malaca quando da sua conquista, transportadores de valiosas mercadorias do seu

comércio e as traziam desde a foz do Menam, até às cidades mais orientais, constituíam material demasiado sugestivo para despertar a curiosidade dos ocupantes, aguçando-lhes o apetite comercialista.

Na sua Década 16, João de Barros diz que um tal Domingos de Seixas, fora nomeado pelo rei siamês, capitão de gentes, nas guerras com os seus vizinhos, lá tendo permanecido durante vinte e cinco anos. O «Guide to Bangkok and Siam», de António, de 1904, refere-se (Pag. 4) a certas áreas de terrenos concedidas aos portugueses pelo soberano de Sião, que ainda naquela data existiam, pelo menos nominalmente, como os de Santa Cruz na margem do rio Menan, oposta à da cidade de Bangkok, e (Pág. 83) a um agente de leilões ostentando o sobrenome de Sequeira (L. J.).

Malaca era um porto muito frequentado pela navegação oriental a ele convergindo barcos de todas as nacionalidades, além dos mouriscos que, habitualmente, apareciam em todos os pontos, desde Cambaia ao Malabar, e do Coromandel à Taprobana. Ali se reuniam para o tráfico os juncos chineses, siameses, javaneses, e outros procedentes de Bornéu, das Cibéles e das Molucas cujos armadores tinham em Malaca as suas autoridades próprias.

Mas do meio da babilónia de linguagens, de usos e costumes, e de métodos de traficar, Albuquerque sabia separar o que lhe convinha para a defesa da soberania que desejava impôr e consolidar, procurando por entre a chusma das autoridades subalternas alguém que o elucidasse sobre o meio prático de se instalar com segurança, pois, os antecedentes obrigavam-no a pisar o terreno com firmeza não se deixando embair por toda uma emaranhada teia de enredos que em volta da sua acção procurava entravá-la.

A largar, com destino aos portos de Sião, encontravam-se nas águas de Malaca dois juncos chineses, que Albuquerque aproveitou para enviar ao rei daquele país, um embaixador a fim de negociar um tratado de paz e amizade em nome do rei de Portugal, cuja nomeação recaiu em Duarte

Fernandes, para o que Albuquerque convocou o conselho dos capitães. Concordaram, mas propuzeram que a embaixada não fosse tão singela, a qual deveria incluir o presente respectivo, conforme a praxe usada entre os povos orientais.

Segundo Gaspar Correia (Lendas da Índia, Vol. II, Pág. 263) Albuquerque mandou Simão de Miranda de Azevedo, muito bem concertado, com seis homens de seu serviço, enviando ao rei umas couraças de cetim carmezim, uma lança e adarga e um capacete guarnecido, dizendo que ele era homem de guerra, que não tinha outras jóias com que o servisse, etc.

Simão de Miranda de Azevedo chegou à côrte do rei de Sião, que o recebeu com grande aprazimento, com honras e festas, mostrando-lhe as grandezas do seu reino, várias cidades importantes e o elefante branco, seu animal sagrado. Despachou Simão de Miranda de Azevedo, com presente para Albuquerque, constando de uma vintena de sinos de madeira de sons de concerto e de guerra, lanças de ferro e douradas e também uma casa de madeira, em que se fazia transportar por ocasião de guerras, e afirmando que os seus mercados iriam a Malaca a fim de comerciarem.

* * *

Sião (Muang-Thai, Terra do Homem Livre) adoptou, oficialmente, a partir do primeiro de Julho de 1939, o título de «Thai-

land» e os seus habitantes o de «Thai», (Tailandeses).

Em 1932, o regime político absoluto foi abolido, sendo proclamada uma constituição que foi modificada em 10 de Dezembro do mesmo ano e substituída por outra, em 29 de Abril de 1946, entrando em funções em 9 de Maio seguinte, em legislatura bicâmara.

Em 1941, Sião aliou-se aos japoneses contra as nações aliadas do Ocidente, às quais declarou guerra, no ano seguinte, e, por último, em 1946, aboliu a convenção de Toquio, de 1941, assinando tratados com a Grã Bretanha e a França, às quais restituiu vários territórios. O reino de Sião, Thailand, (Tailandia), ocupa uma extensão de 513.447 quilómetros quadrados com uma população de 14.464.489 habitantes, tendo por capital a cidade de Bangkok povoada por 684.994 almas.

Caminhos de Ferro — A quilómetros é de 3.100 em exploração e de 180 em construção (1925 e 112 milhas). De Bangkok-Ban-Paji 90; Ban-Paji-Chiangmai 650; com derivação para Svargalok 38,9; Bangkok-Hat Yai, Padang-Besar 1.197; com derivação para Sridharmaraja, 35; Kantang, 93; Songkhla-Sungei-Golok, 28; Bangkok-Aranya Prades, 255; Bangkok-Samudra-Songgram, 67; Bangkok-Packnam, 19,9; Ban-Paji-Korat, 178; Korat Ubol, 312; Korat-Khonkaen, 186, atingindo a construção Khonkaen-Nong-Khail, 174 quilómetros.



Notas da Quinzena

Por REBELO DE BETTENCOURT

Axel Munthe

MORREU em Estocolmo um grande escritor, que foi um mestre de piedade e ternura pelos animais. Chamava-se Axel Munthe e escreveu duas obras que o tornaram célebre em todo o Mundo: «O livro de São Michele» e «Homens e Bichos».

Médico de profissão, a literatura não foi para ele um simples passatempo. Há quem escreva por gosto e por officio, para dizer alguma coisa, e para esses escritores publicar um livro é uma maneira de conviver e de conversar com o público. Mas Axel Munthe procurava, sobretudo, alargar o seu mundo moral, criar uma nova humanidade, mais justa, mais compreensiva, mais generosa. Como S. Francisco de Assis, Axel Munthe amava os animais e, como o Poeta e o Santo, ele via em cada criatura irracional uma alma irmã.

O escritor escreveu uma vez: «Mentiria se dissesse que amo os homens. Amo, sim, os animais, os animais oprimidos e desprezados».

O «Livro de S. Michele» deu-lhe celebridade e abriu-lhe, literariamente, as fronteiras de todas as nações. Os homens de talento quando são, ao mesmo tempo, homem de coração, além da pátria em que nascem, pertencem a todo o Mundo. Axel Munthe, com os seus dois únicos livros, conquistou todas as pátrias.

O grande escritor, que conviveu, na sua qualidade de médico, com os doentes pobres nos hospitais, ensina-nos a olhar para a vida e para os nossos semelhantes com bondade, espírito de camaradagem e justiça.

Uma homenagem

N O Instituto Superior Técnico, na tarde de 2 de Fevereiro, prestou-se homenagem à memória do Dr. Alfredo Bensaúde, primeiro director e organizador, em 1911, daquele estabelecimento de ensino, tendo-se inaugurado, no átrio do edificio, o busto, em mármore, do saudoso e eminente mestre.

Instalado primeiramente num velho casarão da rua da Boa Vista, foi um dos mais ilustres discípulos do Dr. Alfredo Bensaúde, o malogrado engenheiro Duarte Pacheco, quem, sendo ainda muito jovem, realizou a obra notável que é o novo e actual edificio do Instituto Superior Técnico.

Com a criação do Instituto Superior Técnico, o país entrou numa fase excepcionalmente progressiva, pois

ali se formaram e continuam a formar alguns dos mais brilhantes valores da engenharia portuguesa.

O Dr. Alfredo Bensaúde, açoriano da ilha de S. Miguel, era filho de José Bensaúde, industrial e homem de Letras, que Antero de Quental e Teófilo Braga muito estimaram e admiraram. Espírito de artista, apreciava a musica, e, nessa qualidade, ocupava-se, nas suas horas vagas, em reparar, gratuitamente, é claro, os violinos dos musicos da sua privança.

Escola das Belas Artes

N O Ministério da Educação tomou posse do cargo de Director da Escola de Belas Artes de Lisboa o architecto Paulino Montês. Eis aqui um nome verdadeiramente ilustre. Cultíssimo, com o seu nome ligado honrosamente a várias e notáveis realizações, a sua nomeação para aquele alto cargo não representa apenas uma homenagem ao seu talento e à sua proficiência, constitui também a segura garantia de que a Escola de Belas Artes, em que ensinaram os insignes mestres Columbano, Carlos Reis e Veloso Salgado, continuará a manter com dignidade e brilho as suas nobres tradições.

Arquitectura brasileira

S ÃO hóspedes de Portugal neste momento alguns dos mais distintos alunos da Faculdade Nacional de Architectura da Universidade do Brasil.

Vieram em viagem de estudo e foram recebidos, como não podia deixar de ser, com todas as honras e a mais cativante simpatia.

Na tarde de 19 de Fevereiro, inaugurou-se, no Instituto Superior Técnico, uma notável exposição de Architectura, promovida por esse agrupamento de jovens artistas. São mais de 150 projectos e fotografias. Uma parte da Exposição é consagrada à architectura histórica, com raízes portuguesas, a outra é um documentário das realizações modernas, em que a um estilo novo se alia um grande arrojo de construção.

Não há duvida de que o Brasil, que já tem uma literatura brasileira e uma arte também eminentemente brasileira, alcançou na architectura autonomia perfeita. Quem duvidará agora mais da personalidade do Brasil?

Os estudantes brasileiros vão repetir em Madrid, Paris e Londres a sua exposição, em que se sente a presença maravilhosa de um país em marcha.

PROBLEMAS SOCIAIS**O valor do livro na formação
cívica e espiritual do homem**

Pelo Prof. VIDAL CALDAS NOGUEIRA

CORRE na minha mente uma colorida procissão de assuntos. Hei de tratá-los um a um. Ainda desta vez não tocarei num ponto que reputo de fundamental na função do trabalhador, seja o intelectual, seja o operário: é a «alegria no trabalho», tema tratado psicologicamente pelo socialista belga, Henri de Man, que eu perfilho com entusiasmo.

Hoje apresentarei um problema, que, no seu aspecto extrínseco, parece nada ter de social. É, porém, básicamente social, pelo muito que contribui para a educação cívica do povo. Refiro-me à questão do livro. Grandes mentalidades, jornalistas e escritores, têm estudado o caso, já bem denominado por «crise do livro». A minha voz, ainda que modesta, junta-se à deles.

Escrevi no meu ensaio «O Estado da Cultura e do Civismo Português» que o livro é a pedra basilar da cultura do homem; que foi, é e será sempre o depositário fiel das ideias, das tradições, dos costumes, do heroísmo e das manifestações artísticas e sociais, em todas as épocas; que pelo livro fala-nos o mundo de ontem, e pelo livro falaremos com o mundo de amanhã.

Importância extraordinária a do livro! E está em crise, no entanto. Veja-se quanto é difícil a um escritor consagrado arranjar editor para suas obras! E veja-se como é mesmo impossível a um jovem escritor ser apresentado ao publico!...

Apesar da maioria das edições não ir além de mil, o máximo dois mil exemplares, apura-se que o livro não tem grande venda. Porquê?

A literatura moderna não suscita interesse e é pouco atraente! — dirão. É falso, porque os autores clássicos também não são disputados pelo publico.

O facto é que o livro não tem procura compensadora. Estude-se o motivo para remediar o mal. Todos concordarão que as grandes forças da época — a revista gráfica, o cinema e o desporto mal orientado — são os causadores da crise.

E' que, presentemente, o adolescente e o adulto vivem uma vida, a jeito de prestações e com ânsia de a percorrer depressa, em busca de emoções sempre novas. As lições do humanismo, apostolòticamente prègado pelos pensadores, não convidam o homem contemporâneo a integrar-se na revolução que há-de restaurar o justo equilibrio do seu intellecto com suas necessidades

materiais. E é pena! Todavia, o passo decisivo terá de efectuar-se. Mais esperanças me ficaram dessa efectivação, depois que li o oportuno ensaio «No limiar da Idade Nova» do insigne pensador, João Ameal.

São, pois, necessárias armas para vencer a revolução, e lutadores adestrados para as usar e disparar. Fique-se nesta certeza: uma arma é o bom livro.

E é nesta época, tão paradoxal e conspurcada por indiferenças, frivolidades e falsas doutrinas, que o livro tem menos saída.

O leitor habituou-se à revista, que, condensando os tratados e as novelas, lhes rouba muitas vezes o sentido psicológico e trechos susceptíveis de serem desenvolvidos e aclarados. A leitura sintética é preferida ao livro, que explana judiciosamente, com situações que prendem a atenção. E, mesmo assim, já se não lê com o fito de apreender cultura e apurar a sensibilidade espiritual, mas antes para se adquirir uma ilustração, diga-se pictural, que permita estar ao facto dos acontecimentos e dos fenómenos. Pouco importa ao leitor penetrar na natureza essencial dos mesmos.

Acontece outro tanto com o cinema. Quem se importa de saborear um filme de tese? O publico vibra, sim, com situações picarescas, ou de aventura, ou espectaculares. Tudo é superficial na época! Ainda se os frequentadores de cinema (falo da frequência em massa e não do escol que sempre existiu) apreciassem uma película, como quem lê um livro e o analisa, haveria uma atenuante. Como tal não se dá, resulta que o cinema converte-se em trabalho negativo na formação cívica do espectador menos preparado.

O desporto — não me canso de o acusar — é o que mais destrói o espirito de concentração e o hábito intelectual da juventude de hoje. No desporto, a multidão é espectadora e não praticante. Nesta atentatória inversão reside a sua desvirtude. E os jovens que, em massa, vão aos campos para vibrar de entusiasmo, passam os dias da semana, discutindo banalidades, de que os jornais fazem larga apologia. Diga-se, num parêntesis, que os jornais já não fazem a mesma apologia ao aparecimento dum livro, ou à realização duma conferência, ou a qualquer outro acontecimento de ordem puramente intelectual. Fatal especulação e desdém do que é autenticamente valor!...

Tudo se encaminha para deminuir o fervor pela leitura do livro. Não sou dos que resolvem o problema garantindo que a razão está no livro ser muito caro e o nível de vida extremamente baixo. Se este aspecto é delicado e digno de ser solucionado, creio que não basta a sua resolução para se destruir a crise, que é de ordem espiritual e não de ordem material.

Como encarar, então, o problema? Embaratecendo o livro? Aconselhando a sua leitura? Fazendo-lhe larga propaganda? Estudando uma nova programação para o funcionamento das bibliotecas publicas?

Sem pessimismo, admito que não chega. De-resto, é o que se está, em geral, observando no meio livreiro.

O problema tem de encarar-se num plano ético, em

que assente a formação consciente dos jovens, desde a escola primária até à sua entrada na vida prática.

Urge que o homem se desprenda e divorcie das coisas, a que anda tão grosseiramente apegado, e se dirija para o que a vida tem de salutar no campo ético e estético.

O homem é um somatório de forças espirituais, capazes de vencer gigantes, e por isso é de crer que, se os pedagogistas quiserem e a escola a tanto se dispuser, não será difícil aquele divórcio.

Programas? Algumas ideias tenho semeado em depoimentos anteriores, mas os pedagogistas mais probos, que Portugal se honra de possuir, elaborá-los-ão.

Depois, assomando no horizonte a legenda da vitória, tal qualmente o «in hoc signo vinces» se gravou nas nuvens para converter Constantino Magno, jamais há-de falar-se em «crise do livro» ou em depauperamento da cultura espiritual.

Espero, convicto, assistir ao limiar dessa glória. Atiro, por conseguinte, as minhas esperanças para o futuro!...

Imprensa

«VIDA RIBATEJANA»

Em 10 de Fevereiro, o semanário de Vila Franca de Xira *Vida Ribatejana*, completou trinta e dois anos de existência, ou sejam trinta e dois anos de serviço ao populoso e progressivo concelho ribatejano.

Fausto Nunes Dias, seu proprietário e director, pode orgulhar-se de uma obra honesta e desinteressada, em favor dos problemas e das aspirações da população vilafranquense. Com efeito, a sua pena tem estado sempre ao serviço da causa regionalista.

Ao felicitá-lo pela entrada de *Vida Ribatejana* em novo ano de publicação, aproveitamos o ensejo para lhe apresentar também sinceros parabéns pelo último número extraordinário do seu prestigioso semanário.

«DIÁRIO DOS AÇORES»

Com o n.º 21.070, de 5 de Fevereiro, o *Diário dos Açores*, de Ponta Delgada, completou 79 anos de existência. É o diário mais antigo do arquipélago, cuja fundação se deve a Tavares de Resende, fundador também, de uma dinastia de jornalistas, pois o seu jornal mantêm-se ainda na posse de parentes seus, nunca tendo pertencido, por esse facto, a empresas estranhas à família.

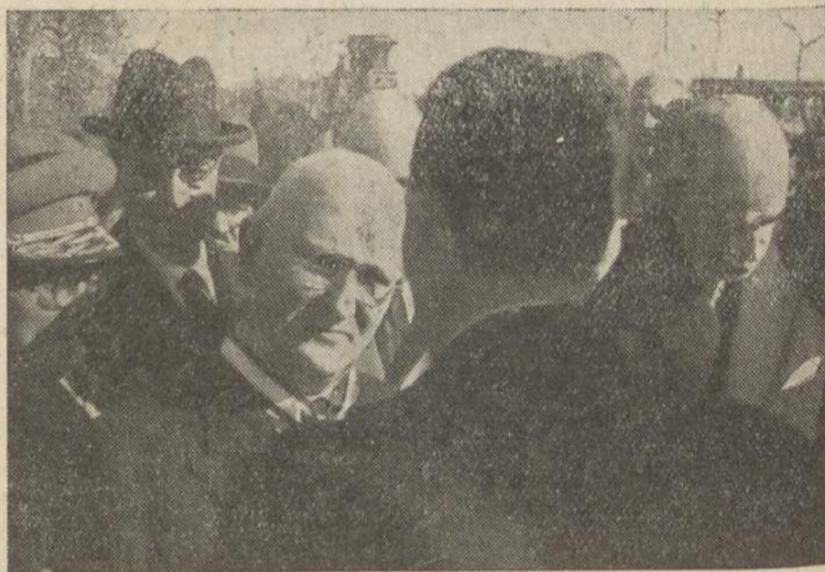
Aos seus actuais directores e nossos queridos amigos, drs. Carlos e Manuel Carreiro, apresentamos cordiais felicitações pelo aniversário do *Diário dos Açores*.

Vida Ferroviária

António Marcelino da Silva

Chega-nos a notícia da promoção a Chefe de Serviço do nosso amigo António Marcelino da Silva, Chefe da 1.ª Circunscrição de Exploração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, no Porto.

António Marcelino da Silva, que há 55 anos trabalha nos caminhos de ferro, é um funcioná-



O sr. António Marcelino da Silva, ao ser condecorado pelo sr. Ministro das Comunicações. Assistiram ao acto solene os srs. General Comandante da 1.ª Região Militar, Director Geral dos Caminhos de Ferro, Eng.º Vasco Ramalho e o Director Geral da C. P., Eng.º Espregueira Mendes

rio exemplar, que ainda há semanas foi distinguido por Sua Ex.ª o Presidente da República com a Comenda da Ordem de Mérito Industrial.

A promoção que recebeu agora, representa um justo prémio às qualidades excepcionais de trabalho, actividade e inteligência de que é dotado.

A *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, envia ao distinto funcionário os seus cumprimentos de felicitações.

Caminhos de Ferro Coloniais

ANGOLA

A Companhia do Caminho de Ferro de Amboim foi autorizada a contratar, com a Caixa Nacional de Crédito, a alteração da data fixada para o vencimento da primeira anuidade de amortização do empréstimo de 30.000 contos, realizado ao abrigo do decreto lei n.º 36.142, de 6 de Fevereiro de 1947.

A data em alusão poderá ser diferida para 15 de Dezembro de 1953, mantendo-se o empréstimo até 15 de Dezembro de 1952, em regime de conta corrente.

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

DE



Tinta de reputação mundial contra corrosões, galvanismo e incrustações de caldeiras e cadastes de navios

★



Reflectores de sinalização de estradas

★



Conhecidos líquidos e massas de polir automóveis

★



ESTABLISHED 1820

JOHN SHAW LTD.

Cabos de aço de todos os tipos A mais antiga experiência

★



Fogão a gás, forno visível "TAPPAN"

★



ALLIED

Latão, bronze, alumínio, ferros, aços em lingotes, vergalhões e arames de todos os tipos, para todos os fins

★



A maior e mais moderna fábrica de Tintas e Vernizes do mundo

Alfredo Rodrigues dos Santos, L.^{da}

FUNDADA EM 1919

Fornecedor do Governo Português, Obras Públicas, Marinha Mercante e de Guerra, Almirantado, etc., etc.

Sucursal: PORTO - R. Elísio de Melo, 28 - Telefone 2 2792 - Telegramas "Apexior"

AR'MA ZÉM: ODIVELAS (PONTE DE ODIVELAS) LISBOA

TELEGRAMAS: HÉLICE APEXIOR

SECÇÕES { AGÊNCIA HÉLICE - Óleos
A. B. P. - Tintas e Vernizes

TELEFONES: 2 2119
2 1421

Sede: AVENIDA DA LIBERDADE, 69 - LISBOA-Portugal

Como cuidar do seu motor mediante a lubrificação correcta



I - A Companhia de Óleos D-A: Heavy Duty (H.D.) sempre na vanguarda

1.º - Fiéis à nossa tradição de vender somente produtos de alta qualidade, decidimos representar em Portugal e Colónias a D-A LUBRICANT CO. Inc., a maior e mais antiga Companhia americana de óleos de lubrificação científica para todos os tipos de motores de serviço pesado, cujos esquemas de fabrico desde 1935 de novas ligas metálicas, fizeram aumentar de 20% a compressão, 15% a velocidade, 7% o poder de travagem, 50 a 100% a pressão dos segmentos e pistons, 20% a temperatura das câmaras de combustão. Em virtude da inferior qualidade da maioria dos carburantes e por razões de economia as misturas da carburação serem agora menos ricas, regista-se um considerável aumento de temperatura de funcionamento, que só uma boa lubrificação produzida por UM BOM ÓLEO poderá compensar.

O desenvolvimento crescente da Companhia D-A - computando-se em 70% os construtores de motores pesados que recomendam os seus óleos - constitui prova inofismável de incontestável superioridade.

Foi a D-A a primeira Companhia que estudou óleos especiais para serviço pesado. Contudo, como é lógico, estes óleos prestarão também eficientes serviços nos motores, trabalhando em condições mais moderadas, ao contrário da aplicação infelizmente generalizada em Portugal de óleos regulares em motores pesados, o que é condenável.

II - O que são óleos D-A; conselhos sobre lubrificação geral; as vantagens do uso de óleos D-A:

2.º - A vitória dos óleos D-A na Guerra: - Os óleos D-A agarram-se ao metal, sendo os que menos tendência têm em escorrer para o fundo dos carters, facto este que torna a lubrificação tão deficiente como perigosa, principalmente, quando o motor, frio, começa a funcionar.

Os óleos D-A, graças a processos de fabrico ainda secretos a que se juntaram os ensinamentos apreendidos na última guerra, prestaram, com sucessivos louvores, os mais relevantes serviços tanto em «fanks», lança-chamas, etc., como em todos os veículos pesados sujeitos a árduo trabalho, onde os óleos de tipo antigo fracassaram.

3.º - O óleo D-A (Motor Oil) de base parafínica, 100% puro Pennsylvania: especialmente para motores a gasolina e petróleo. - A Companhia D-A é uma das raras organizações que usa, de verdade, os cada vez mais procurados e preciosos óleos de base parafínica, 100% puro Pennsylvania (de produção escassa para a sua grande procura) e os óleos fluidos ultra-modernos circulam mais rapidamente e resistem mais ao calor que os óleos encorpados da concorrência.

4.º - A desvantagem do emprego do óleo grosso para suprir folgas. - O uso de óleo mais grosso para suprir folgas e desgastes a não ser provisoriamente, é um erro grave, e o melhor é reparar mecânicamente o desgaste. Basta dizer que o grau SAE estudado pelos fabricantes, em face dos esquemas de construção dos motores, não pode comportar, como é óbvio, incomensuráveis propriedades que permitam suprir incondicionalmente os defeitos mecânicos; ainda que as suas qualidades, em qualquer hipótese se mantenham.



A maior produção de esmaltes brilhantes e mates, gordos, sintéticos e celulósicos, aparelhos, betumes, etc.

D-A

As altas pressões e temperaturas do motor – por motivo de grande sobre-carga ou serviços árduos – e o clima tropical ou semi-tropical são factores que podem aconselhar em certos casos o emprego de óleo de grau SAE ligeiramente mais encorpado.

Não esquecer principalmente quando o motor está frio que há o perigo de o óleo espesso não atingir no tempo indispensável pontos essenciais, como a parte superior dos pistons e inumeros canais, onde a sua presença é necessária e assim dar aso ao atrito metálico, ou então por exagerada consistência, formar a carbonização, sujando velas e colando válvulas.

De outro modo se o motor trabalha em altitudes ou regiões onde haja frequentemente temperaturas negativas – abaixo de zero – há vantagem em usar em tais circunstâncias o grau mais fino de óleo SAE da nossa tabela, ou seja o que está logo abaixo do indicado na 2.^a coluna da tabela de recomendações.

5.º – As desvantagens do emprego de óleo grosso: – O óleo espesso circula mais vagarosamente dificultando o arranque. Para fazer mover rapidamente essas camadas de óleo, consome-se uma dose extra de energia, de que resulta um maior consumo de combustível. É pois de seguir a recomendação inicial dos fabricantes, dos quais mais de 95% condena a velha prática do uso de óleos cada vez mais grossos, à medida que os motores envelhecem

6.º – A despesa de lubrificação é somente de 3% dos gastos gerais. – A verba de lubrificação é a mais insignificante da manutenção de um motor. Regra geral não atinge três por cento sobre o total das despesas. Por isso o uso de óleos baratos, comprados «ad hoc», constitui a mais ruínosa das economias.

III – A qualidade D-A. – Diesel Oil – Reconhecido como superior motor oil de uso geral e recomendado por muitos fabricantes para ser usado em motores de gasolina e Diesel de alta e baixa compressão.

D-A

LUBRICATION

Built FOR HEAVY-DUTY SERVICE



7.º – A D-A é uma das raras Companhias cujos óleos «Heavy Duty» aprovados por todos os departamentos do Governo Americano, reúnem os novos aperfeiçoamentos seguintes:

a) – DETERGENTES: – Actuando como removedores na limpeza de carvão, sujidades e resíduos, impedindo o óleo de coagular, formar depósito e absorver oxigénio.

b) – ANTIOXIDANTES DISPERSIVOS: – Eliminando a tendência dos óleos para a oxidação e formação de gomas, ácidos, depósitos carbonosos, etc.; da mais vital necessidade para combater um dos maiores inimigos: O SOBRE-AQUECIMENTO.

c) – ANTICORROSIVOS: – Evitando a corrosão nas paredes dos cilindros quando o motor está parado, (a chamada corrosão fria) e o atrito metálico a quente.

N. B. – Não esquecer que nos motores Diesel além do movimento dos pistons ser mais lento, a inflamação sem o sistema de ignição submete o combustível a uma sobrecarga de pressão na razão de 16 a 20 para 1, comparativamente com os motores a gasolina. Enquanto um motor fixo – industrial ou marítimo – trabalha quase sempre à mesma velocidade e carga (esta não excede geralmente 25%) um motor de camion, tractor, etc., sofre o trabalho de 100% de sobrecarga, ao mais alto rendimento que é possível obter, para mais tarde funcionar a menor velocidade e carga normal – ou seja nos dois extremos.

d) – ULTRA RESISTÊNCIA AO FENÓMENO DA DILUIÇÃO: – Quando a inflamação do combustível é imperfeita, dá-se a penetração no carter de partículas de combustível líquido que arruinam o óleo, como nos seguintes casos todos condenáveis; **1** – Arrancar aceleradamente quando os motores estão frios; **2** – Quando ao parar se faz uma brusca aceleração e se corta acto contínuo a ignição; **3** – Engatar o motor nas descidas com a corrente desligada; **4** – Quando os carburadores ou injectores estão mal afinados.

No entanto os óleos D-A mercê da incorporação duma fibra especial, apresentam maior resistência que qualquer outro aos efeitos da diluição.

e) – ARRANQUE FÁCIL E SUAVIDADE DE FUNCIONAMENTO – ANTI-DETONANTE: – Aumentando a vida do próprio óleo e evitando os desgastes metálicos dos cilindros, pistons, segmentos, cambota, etc., cuja elasticidade e liberdade de movimentos é obtida por meio de uma película de untuosidade indestrutível, que, circulando livre e rapidamente, reduz o consumo de combustível pelo aumento da compressão.

Os primeiros 60 segundos de funcionamento do motor, quando em frio é o período crítico, pois o óleo assente no carter, se não for na consistência apropriada, não sobe nem circula a tempo de evitar a fricção.

IV – Classificação dos óleos lubrificantes pela «American Petroleum Institute» (Autoridade oficial americana) – Os óleos «Heavy Duty» (Serviço pesado) à cabeça da classificação.

8.º – Para se fazer uma ideia comparativa entre a categoria dos óleos D-A e os demais, citamos as classes recentemente definidas, pela sua ordem de valores, por aquele Organismo.



a) - HEAVY DUTY OILS - (Serviço pesado) ou seja óleos D-A. - Óleos com comprovada estabilidade contra oxidação e corrosão, com propriedades preventivas e detergentes, para uso nos motores Diesel e a gasolina que trabalham em altos regimens e em serviços árduos e pesados.

b) - PREMIUM OILS - (Óleos classificados): - Óleos com estabilidade e propriedades anticorrosivas, para uso em motores operando em condições onde os óleos regulares correntes não dão satisfação suficiente.

c) - REGULAR OILS - (Óleos correntes): - Óleos minerais puros, sem aditivos, indicados para motores operando em condições moderadas.

V - O QUE TODA A GENTE DEVE SABER SOBRE O EMPREGO DE ÓLEOS:

9.º - Mude-se para D-A.; o que tem a fazer: - Quando começar a usar estes prodigiosos óleos D-A em motores que até então tenham sido tratados com óleos vulgares, não há o perigo do entupimento dos canais de lubrificação desde que nos primeiros tempos da aplicação dos óleos D-A, faça durante duas ou três vezes a renovação do óleo por metade do período em que é usual renová-lo, para dar tempo a que o D-A proceda à auto-limpesa do motor; não esquecendo, é claro, de vigiar o indicador de pressão do óleo e limpar os filtros se for necessário. Este trabalho é facilmente executado por um bom e cuidadoso operador.

10.º - O uso dos filtros: - Não deve usar certos filtros de óleo, muito apregoados, pela inconveniência de alguns extraírem do óleo os aditivos modernos essenciais para a sua estabilidade, e não filtram ácidos e outros compostos corrosivos perfeitamente solúveis nos óleos. Além disto, há poeiras tão finas e abrasivas introduzidas no motor pelo ar aspirado ou pelo respirador do carter, que se escapam facilmente aos filtros mais modernos e engrossam o óleo.

11.º - A necessidade imperiosa da renovação do óleo: - Em virtude dos compostos e emulsões que se produzem dentro do motor por fenómenos de oxidação e alteração molecular, é essencial renovar o óleo. Apesar dos aparelhos criados para evitar a sua contaminação, tem-se demonstrado que o óleo, ainda que filtrado e aparentemente limpo, aumenta progressivamente de corpo, a tal ponto, que pode passar de SAE 30 para SAE 50, quando a sua renovação é efectuada fora dos limites razoáveis, havendo casos em que se dá o contrário.

O automobilista ou operador consciente deve ser juiz escrupuloso na decisão de mudar o óleo. Se o óleo que prestou serviço sofreu forte diluição, altas pressões, temperaturas e velocidades, ou suportou climas tropicais, poeiras, arranques a frio, frequentes, em cada dia (trabalhos intermitentes, em paragens de mais de uma hora) deve mudar-se mais frequentemente do que o óleo que trabalhou em condições menos ingratas.

A média é de 1.500 kms., mas só tem vantagem em evitar os abusos, principalmente no inverno e no serviço das cidades.

Para se fazer uma ideia sobre a contaminação do óleo basta dizer que a média horária de ar admitida pelos cilindros é de 6.500 pés cúbicos e que pela ventilação do carter são admitidos 4 a 7 pés cúbicos por minuto.

12.º - A função de auto-limpesa feita pelos óleos D-A.

- É importante saber que os óleos D-A, uma vez desempenhada a sua função de auto-limpesa, (em motores novos ou em rodagem é bastante encher o carter sem mais preocupações), evitam avarias e prolongam o prazo de mudança do óleo e a vida do motor, mesmo que este esteja obrigado a serviço duro e contínuo.

Os óleos D-A reúnem em si as características dos vários óleos existentes no mercado, com diversas designações como, aditivos e descarbonizantes.

13.º - O consumo do óleo: - O consumo de lubrificante aumenta na proporção em que aumenta a velocidade, como se demonstra pelo quadro abaixo:

Velocidade	Consumo
50 kms. à hora	X
70 » » »	2 vezes mais
85 » » »	4 » »
100 » » »	7 » »

VI - A mudança do óleo; regras a seguir:

14.º - Eis os autorizados conselhos de um importantíssimo construtor de motores, que recomenda os óleos D-A há 20 anos.

- Tenha sempre o óleo ao nível.
- Nunca force um motor novo a altos regimens sem estar suficientemente rodado.
- Vigie o indicador de pressão circulante do óleo durante o funcionamento do motor. Não consinta que o motor trabalhe um minuto sequer sem o indicador de pressão da lubrificação funcionar.
- Renove o óleo com mais frequência quando o motor é novo. Recorde que dois quartos de óleo novo juntos a um quarto de óleo velho, fazem três quartos de óleo pobre.
- Atenda ao menor sintoma de mau funcionamento do motor. Este dá a um operador consciente sinal de queixa; evitará assim grandes dissabores.
- Recorde-se que os bons lubrificantes são a melhor apólice de seguro contra reparações e que os óleos baratos resultam caríssimos.
- Quando o motor estiver frio espere que ele aqueça antes de entrar em alto regimen.

VII - O que dizem os técnicos autorizados:

15.º - A corrosão deve ser evitada pelo emprego de óleos de alta qualidade: - Eis outro aviso de um afamado construtor de motores, que aprova os óleos D-A há mais de 25 anos.

«Não use um lubrificante corrosivo no motor. As suas peças internas, de novas ligas metálicas, podem ser arruinadas por um óleo corrosivo. É deveras difícil distinguir um bom lubrificante de um mau pelas suas especificações e aparências, devendo por isso usar os melhores tipos fabricados por Companhias de grande seriedade e reputação. Prefira o melhor óleo altamente refinado, de base paraffínica e que faça o mínimo de depósitos carbonosos».

Vamos terminar com a solene recomendação de outro construtor que preza o seu bom nome e aprova os óleos D-A, porque conhece a seriedade da Companhia D-A.

«Este motor é de precisão. Sòmente óleos de alta qualidade devem ser nele usados. Muitos óleos são altamente corrosivos e por isto, antes de usar o motor, pense bem neste problema vital».

Pedindo a V. Sas. o favor de nos confiarem as vossas estimadas ordens, certos de que uma experiência vos convencerá em absoluto da verdade do que afirmamos, somos com consideração,

De V. Sas.

Attos. Venres. e Obgdos.

Alfredo Rodrigues dos Santos, L.^{da}



Recomendações

aprovadas pelos fabricantes
de motores pesados



UMA SÓ QUALIDADE...
A MELHOR QUE É POSSÍVEL OBTER

Óleos para Motores ** D-A

SUPER ÓLEOS DIESEL D-A :

Óleos lubrificantes, superiores, não corrosivos, para todos os fins. Para motores Diesel e a gasolina.

SUPER ÓLEO D-A — 100 % puro Pennsylvania, para motores :

Óleo lubrificante de alta qualidade para motores a gasolina e alguns Diesel.

MARCAS	*** Calor extremo — SAE N.º	Tempera- tura média Portugal — SAE N.º
--------	---	--

Carros de passageiros

Buick, Chevrolet, Chrysler, Dodge, Nash, Oldsmobile	30	20
Plymouth, Pontiac e De Soto	30	20
Ford, Hudson, Packard, Studebaker	30	30

Camions

International, Chevrolet, Ford, GMC e similares	40	30
Diamond, FWD, Brockway, Mack, Stewart, Sterling	40	30
Autocar, Federal, Marmon-Herrington, White	40	40

Rebocadores, etc.

Cummins, General Motores *, Buda *, International	30	20-30
Caterpillar *, Hercules, Murphy *	30	20-30
Allis-Chalmers, Waukesha-Hesselman	40	40

Tractores

Caterpillar *		
International com motores Diesel	30	20-30
Cletrac		
Allis-Chalmers * com motores Diesel	30	20
Caterpillar — Novos modelos a gasolina	30	30
Caterpillar — Antigos modelos a gasolina	50	40
Allis-Chalmers		
International modelos a gasolina	40	30
Cletrac		
Mc Cormick-Deering, John Deere, Oliver, Case, Minneapolis-Moline, Ford, etc.	40	30

* Usar DIESEL OIL — Recomendação dos fabricantes.

** Tenha-se em atenção que o grau SAE desta tabela pode não corresponder ao grau SAE da concorrência.

*** Especialmente para climas tropicais ou muito quentes.

Para zonas onde a temperatura seja abaixo de zero, convem usar o grau imediatamente inferior ao indicado na 2.ª coluna.

Para instruções mais completas acerca de todas as engrenagens, temos o respectivo livro de recomendações.

Valvulinas, Greases D-A

MARCAS	*** Calor extremo	Tempera- tura média Portugal
--------	-------------------------	------------------------------------

Camions

CAMIONS — SERVIÇO PESADO Transmissões e diferenciais (a)	0	0 ou 00
Eixos-acionamento às 4 rodas, redução dupla duplo-comando e duas velocidades	Universal 250	Universal 250 ou 140
Partes sujeitas a pressão — CHASSIS	3-2 ou grease C	2-1 ou grease C-D
CAMIONS — Com engrenagens Hypoid (também camionetas de passageiros)	Universal 90 ou 140	Universal 90 ou 140

Tractores

TRANSMISSÕES, ENGRENAGEM FINAL Caterpillar — Diesel e gasolina Allis-Chalmers — Todos os modelos Case, Mc Cormick-Deering, Oliver, Huber, John Deere, Minneapolis-Moline, etc.	0	0 ou 00
International — Todos os modelos	000	000
Cletrac — Diesel e gasolina	00	000
CAIXAS DE ENGRENAGENS Sem ter transmissões nem engrenagem final	0	0
ROLOS DAS LAGARTAS DOS TRACTORES (Track Rollers) — (Chumaceiras lisas) Caterpillar — Todos os modelos Allis-Chalmers — (excepto o Super-Seal) Outras principais marcas e modelos	3-2 ou grease C	2-1 ou grease C-D
International — Todos os modelos	0	00
Allis-Chalmers — Super-Seal	grease A-C	grease A-C
Cletrac — Todos os modelos	00	000
ROLOS DAS LAGARTAS DOS TRACTORES (Track Rollers) — (Chumaceiras de esferas)	3	2
Partes sujeitas a pressão — CHASSIS Todos os tipos	1 ou grease C	2 ou grease D-C

(a) Onde EP ou Hypoid, lubrificantes, são recomendados pelo fabricante, usar D-A Universal.

TABELA DE EQUIVALÊNCIAS

N.º 1 (Semi-fluido)	Leve	Engrenagens abertas (Open Gear)	Verão
N.º 2 (Semi-fluido)	Pesado	N.º 000	SAE 90
N.º 3 (Semi-fluido)	X-Pesado	N.º 00	SAE 140
C (Gun Grease) a pressão	Verão	N.º 0	SAE 250
D (Gun Grease) a pressão	Médio	Universal 80	SAE 80
N.º 80	SAE 80	Universal 90	SAE 90
H.M.P. para chumaceiras de esferas, rodas e pás	Verão e inverno	Universal 140	SAE 140
Bomba de água — H.M.P.		Universal 250	SAE 250

Substitui os EP ou Hypoid

Tipo A.C. Todas as estações

Efemérides ferroviárias

P o r C A R L O S N O N O

MARÇO

1

1903 — São inaugurados os trabalhos do caminho de ferro do Lobito.

2

1893 — Nas estações de caminho de ferro da Companhia Real montam-se postos de venda de tabacos por conta da Caixa de Socorros e Reforma dos Empregados.

3

1899 — O Governo português aprova o projecto de moradias para empregados, apresentado pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro.

4

1888 — Abre à exploração o serviço ferroviário de Saint-Sulpice a Castres (Meio-Dia).

5

1835 — Inaugura-se o caminho de ferro de Bruxelas a Malines.

6

1898 — É aberta à exploração a linha férrea de Assint a Luxor (Cairo).

7

1829 — Nasce Alberto Borsig, engenheiro alemão, director da maior fábrica de locomotivas alemãs. Falleceu em 1878.

8

1894 — Depois de vistoriado, é restabelecida a circulação de comboios no túnel de Alcântara (Lisboa).

9

1895 — Inicia-se a construção da ponte de via dupla sobre o Mississipi, ao pé de Nova Orleans.

10

1892 — A Jaime Henrique Pereira Bramão é concedida licença para prolongar até S. José de Ribamar

o caminho de ferro americano da Cruz Quebrada a Carnaxide, de que é concessionário por alvará de 15 de Outubro de 1891.

11

1902 — É sancionada a construção da linha férrea de Ballia a Ghazipur (India inglesa).

12

1896 — O governo mexicano autoriza a construção do caminho de ferro de Tonalá, na costa do Pacífico, até Tuxtla Gutierrez e Chapa de Corgo por Cintalapa, Jiquipilas e Ocosocuantia.

13

1901 — Reunem-se os quarenta maiores contribuintes de Moura, que aprovaram por unanimidade a proposta da Câmara Municipal para contrair um empréstimo de vinte contos de reis para auxiliar o governo nas obras do caminho de ferro de Pias a Moura.

14

1895 — Restabelece-se a circulação de todos os comboios na linha da Beira Baixa, que estiveram impedidos durante 12 dias, em consequência dos violentos temporais que assolaram o país.

15

1888 — Sai o primeiro número da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, da direcção do Inspector chefe da Repartição de Tráfego da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, Sr. L. Mendonça e Costa.

16

1889 — São aprovados os estatutos da Companhia dos Caminhos de Ferro de Anatólia a Constantinopla.

17

1921 — O Tribunal do Comércio do Sena, declara em estado de falência, aberta em Paris, a Companhia de Caminhos de Ferro do Norte do Brasil.

18

1901 — O Engenheiro D. Benigno D'Arce toma a iniciativa de estudar um caminho de ferro mineiro desde a ria de Tinamargar até Cabrales (Espanha).

19

1892 — É oficialmente inaugurado o caminho de ferro de Santander a Solares.

20

1899 — O Ministro da Marinha e Ultramar apresenta na Câmara dos Deputados um relatório e propostas de lei sobre a viação de S. Tomé e caminhos de ferro de Benguela a Cabinda.

21

1902 — Na linha férrea de Sarria a Barcelona, estuda-se a possibilidade de substituir a tracção a vapor pela eléctrica.

22

1898 — São abertas ao público as estações de caminho de ferro de Huelva, Cabra de Santo Cristo e Alicun (Espanha).

23

1902 — Afim de se estabelecer nova comunicação por via férrea entre a Espanha e França, iniciam-se os trabalhos para a construção do caminho de ferro Ripoll a Puigcerda.

24

1895 — É declarada em estado de suspensão de pagamentos a Companhia dos Caminhos de Ferro do Sul de Espanha.

25

1886 — É aberta à exploração a linha férrea de Valença à fronteira galega.

26

1904 — É aberta ao tráfego a linha férrea de Durban a Wryheid, primeiro troço da rede destinada a servir a Zululândia da Costa a Middeburgo, na linha Pretória-Lourenço Marques, pelo vale de Wryheid, Utrecht e Ermelo.

27

1890 — O Ministro das Colónias de Espanha autoriza a abertura do concurso para a construção do caminho de ferro central da Ilha de Cuba.

28

1892 — Morre em Madrid, D. Buenaventura Coca y Boches, chefe do Tráfego da Companhia de Madrid-Zaragoza-Alicante.

29

1886 — Liga-se a ponte internacional que permitiu que a linha de caminho de ferro do Minho seguisse até à Galiza.

30

1898 — O governo canadiano contrata a construção da linha férrea de acesso do território de Klou-dyke, partindo de Glenora ao lago de Teslim.

31

1890 — É assinado o contrato definitivo para a construção da linha férrea da Pampilhosa à Figueira da Foz.



HISTÓRIA DA ÍNSUA

POR FREI PEDRO DE JESUS MARIA JOSÉ

Introdução pelo Dr. BUSQUETS DE AGUILAR

CAPÍTULO I

Describe-se o sítio, a notícia dos vários nomes que tem e da milagrosa imagem da Senhora que nele se venera

NÃO se enganava quem chamou a esta santa casa um milagre do mundo e milagre que nele não tem semelhante ⁽¹⁾, pois parecendo o mar de que se acha rodeada, lhe fica eminente, se conserva há tantos anos sem se absorver com as suas notáveis inundações, e quando estas com as medoas tormentas, que ordinariamente se acompanham, podiam intimidar a todos os seus habitantes, se acham como presos com a santidade do lugar, aqueles que em tudo o admiram e reconhecem assim acomodado para a contemplação das coisas celestiais, como apto para o esquecimento das mundanas e caducas.

Três léguas ao sul de Viana, diz o referido autor, e de Castela um quarto ao nascente, se levanta o devotíssimo Mosteiro da Ínsua, fundado em uma península, entre as costas mais bravas de Portugal e Galiza, que o sublime architecto da universal fábrica do mundo colocou na foz do Minho, na qual já fala Plínio, livro 4, capítulo 20, e Possidónio, alegado por Estrabão, livro 3, página 107. Suas palavras são: «Et Cantabris fluere dicit ante cujus eruptionem procumbit Insula». Como se dissera: «Que o Minho nascia nos Cântabros e desaguava no oceano, onde se lhe oferece uma ilha, a qual não é mais espaçosa que o limitado sítio que ocupa o mosteiro, cercado de água por todas as partes, o segundo que fundaram aqueles veneráveis padres que vieram ao reino no ano de 1392 para realce dele e perfeição da observância. É bem verdade que já ali havia ermida, intitulada Santa Maria de Carmes ou da Salva, por a salvarem com estrondo de artilharia todas as embarcações que a avistam.

Não tem este milagre do mundo outro que nele se iguale, porque considerar no meio das impetuosas ondas uma casa, em que se vive louvando continuamente a Deus, com tantos riscos e perigos da vida, convida as almas pias e devotas que isto ouvem, a irem visitá-la, para lograrem com seus olhos o que a fama publica, pois a conserva há tantos anos sem padecer as inundações do mar, que parece lhe fica eminente, não intimidando os seus habitantes nem as desfeitas tempestades do inverno, nem os furiosos mares, que, com seus recíprocos roncos lhe batem nos muros, nem, o que mais é, os contínuos sobres-

saltos de piratas, corsários e hereges, em que cada dia se vem, consumindo talvez o Santíssimo Sacramento, e talvez enterrando-o na cerca para não ser profanado de sacrílegas mãos.»

«Todos estes receios pôs de parte o magnânimo rei D. Manuel indo a ela em romaria no ano de 1512, e o infante D. Luís, seu filho, no de 1548, e por muitas vezes os senhores da Casa de Bragança e Vila Real, seus padroeiros. Quanto a Virgem Maria se agrada de ser aqui venerada, manifestam os ordinários milagres, para com eles obrigar a estes seus capelães a nunca a desampararem e aos fiéis a socorrerem-nos com suas esmolas e caridades, pois no coração do inverno lhes falta muitas vezes o necessário por causa das tempestades. Experimentando então seus moradores, que por alterados que os mares andem e por maiores que sejam as tormentas, não se ouve na igreja cousa alguma, julgando os que nela assistem que está o ar sereno e o mar leite, o que se atribui a particular mercê da rainha dos anjos. De cuja casa saíram sempre, como do cavalo troiano, religiosos de eminente virtude que com sua santidade ilustraram grandemente a seráfica família». Até aqui o autor do «Agiológio Lusitano».

Uns dão-lhe o nome de ilha, outros de península, alguns de ínsula, e quase todos de Ínsua. O primeiro parece ser mais genuíno, como próprio significado da palavra latina «insula», que no nosso idioma quer dizer ilha. O segundo de península em vários tempos lhe não foi impróprio, como foram todos aqueles em que achamos notícia que as areias, com a sua inconstância, repetidas vezes deram passagem franca para terra da parte de Portugal como sucedeu nos anos de 1575, 1582, 1629 e últimamente no ano de 1708 ⁽²⁾. Neste, em 14 de Setembro, dia da exaltação da cruz, pelas sete horas da manhã estando a maré de vasante, appareceu um banco de areia que corria até à praia da freguesia de São Paio de Molêdo, que deu confiança a que logo por ela passasse muita gente de uma e outra parte. Não especificou no cartório, quem nêlo deixou esta lembrança, o tempo que durou a dita

(1) Jorge Cardoso, Agiológio Lusitano, Lisboa 1657, tomo II, 14 de Abril e no começo da página 566; Frei Agostinho de Santa Maria, Santuários Marianos, Lisboa 1712, tomo 4, livro 1, título 20, pág. 101.

(2) Em 1895 e em 1947 voltou-se a repetir o fenómeno, como se diz no respectivo capítulo.

passagem, porém dá a entender que perseverou muitos dias; pois na notícia, que nos participa, diz que divulgado o prodígio, por ser raro o sucesso assim se pode chamar, foi inumerável a gente que de várias partes acudiu, para gosar a maravilha, uns a pé, outros a cavalo, muitos em carros, e também passou uma sege, seguindo-a um carneiro, que tudo fazia mais plausível a novidade.

Isto que repetidas vezes tem sucedido da parte de Portugal, perseverou longos anos da Galiza, quando ainda permanecia a que hoje chamam Ínsua Velha, que comunicando-se com a que agora existe, davam passagem livre e desembaraçada para as terras fronteiras do Reino da Galiza.

Êste seria o motivo para a advertência, que, por sua letra deixou o Venerável Padre Frei João da Póvoa dizendo que tivessem cuidado com as cabras de Campos Ancos, é lugar da freguesia de Salcidos, que vinham comer as heras das paredes, e saltavam à vinha e a comiam. Do que bem se infere existir naquele tempo a dita Ínsua chamada Velha, cujo sítio ainda de presente se manifesta, e que dela com facilidade se passava à Galiza, principalmente na baixa das marés, em cuja ocasião é que passavam as ditas cabras da parte de Galiza à Ínsua, e para se acautelar o dano que causavam, se deixou a dita advertência. Confirma isto uma constante tradição, que há no lugar de Campos Ancos e na vila de Caminha entre os mareantes, derivada de seus antepassados, a quem ouviam dizer que, naqueles tempos, não havia mais que a barra que hoje se chama de Portugal, e que corria o rio por junto das árvores do Camarido direito ao mar, até que na Ínsua Velha fez tal violência a fôrça das tempestades, que de todo a destruiu, descarnando-lhe toda a terra e areia, de sorte que lhe não ficou mais que o centro firme, em que estava fundada, que ainda hoje se admira semeado de penedos. Nas vasantes das marés ficam tão descobertos, que na ocasião da lua nova e cheia, em que as vasantes são maiores, se o mar está quieto, se passa a pé enxuto do convento ao dito sítio, que agora conserva o nome de Ínsua Velha.

Pelo que não errou quem chamou a esta ilha «península», como não quer o Padre Mestre Esperança (1), na suposição de que falava dos sobreditos tempos nos quais lhe era próprio êste nome. E aos mesmos tempos sem dúvida, se referem os que dão a entender que aqui houve duas Ínsuas, como se manifesta no breve de Nicolau V, de que demos notícia (2), na qual fazendo menção dêste convento, lhe dá o título de Santa Maria nas Ilhas ou Ínsua, atendendo ao comum abuso com que assim se apelidam e chamam.

Dizemos ser abuso, porque o nome de Ínsula, que outros dão a êste sítio é mais próprio que o de Ínsua, suposto assim comumente é chamado, tirando-lhe uma letra com o que querem, atendendo aos seus estreitos limites, fazer diminutivo da referida palavra latina «insula». Esta opinião seguiu o doutíssimo Padre Blu-

teau no seu insigne «Vocabulário Português» (3), ainda que depois, parece, se retratou no «Suplemento» dêle, convindo com o Padre Mestre Esperança o ser o dito diminutivo contra a gramática, porque a todas as ilhas, assim grandes como pequenas, pode quadrar o nome de ínsula (4).

O distrito desta é tão limitado, que, segundo a descrição que dêle fez o autor do cartório da casa, na baixa-mar não chega a ocupar a distância de uma milha em roda, e de preamar, pôsto um homem no meio dela, com um tiro de pedra, pode chegar à borda da água por todas as partes (5).

Depois que o mar destruiu a Ínsua Velha, como acima dissemos, ficou êste sítio ilha perfeita, porque toda cercada de mar. Com esta destruição, ficou tão desembaraçado aquêle sítio de toda a terra e areia, que se formou nêle outra barra e se começou a chamar de Galiza, por ficar da parte daquêle reino. O Rio Minho, que aqui tem a sua foz e antes todo se metia no mar pela barra de Portugal, na desfeita da Ínsua Velha se dividiu por uma e outra parte, fazendo duas barras, ambas navegáveis, e tão proporcionadas que ambas parecem ter a mesma distância, ainda que esta divisão foi mui prejudicial ao comércio, que, com uma barra, só tinha crescidos lucros e aumentos, por poderem entrar nela grandes naus e navios de alto bordo, o que não admitem, nem permitem, nenhuma das duas barras em que se dividiu.

O terreno desta ilha, suposto que tão limitado, em si mesmo é aprazível, principalmente de verão, que alcatifando a maior parte dêle de flôres, se faz vistosamente admirável, assim pela sua variedade, como pela suavidade de cheiro que exalam umas assucenas brancas que aqui multiplicam sem cultura ou deligência alguma, com notável fecundidade. Ê certo que nos primeiros anos se conservavam nesta ilha árvores de fruto, e no tempo que o Venerável Padre Povoia era provincial, havia uma vinha, que vindimando-se em um ano, se fez para as missas um bom almude de vinho branco, ficando ainda bastantes uvas para comerem os religiosos quinze dias (6).

As figueiras também frutificavam aqui admiravelmente e ainda os pessegueiros com ser árvore tão mimosa. No ano de 1624 se conservava um junto à capela da Madalena, o qual tinha no dito ano quinze pêssegos mui grandes e formosos, e estiveram na árvore até 18 de Outubro, fazendo-se mais admiráveis

(1) Frei Manuel da Esperança, História Seráfica Lusitana, Lisboa, 1666, parte 2, pág. 459.

(2) Frei Pedro de Jesus Maria José, Crónica da Santa e Real Província da Imaculada Conceição de Portugal, Lisboa, 1760, t. I, pág. 36.

(3) Padre D. Rafael Bluteau, «Vocabulário Português e Latino, Coimbra, 1713, t. IV, pág. 155.

(4) Padre D. Rafael Bluteau, Suplemento ao Vocabulário Português e Latino, Lisboa, 1727, 1.ª parte, pág. 522.

(5) Cartório do Convento, fôlhas 2.

(6) Cartório do Convento, fôlha 13.

por então estar já a árvore sem folhas. As amoreiras sempre se deram neste sítio, como se para elas fosse o mais favorável, pois produzem abundantemente o seu fruto e ainda no tempo presente continuam com a mesma fecundidade, o que não se experimenta em outras árvores que apenas mostram o fruto em flor, de tudo se sopra com o vento, que lhe causa maior dano, depois que se fez a fortaleza, e quando se esperava servisse esta de abrigo ao mesmo vento, causa este maior estrago, por se ver como fechado e violento.

O circuito da praia está todo rodeado de camboas ou pesqueiras que os religiosos começaram a fabricar desde os primeiros anos, em que foi notavelmente abundante a pescaria, e depois se foi esterilizando cada vez mais, o que também se experimenta em outras partes em semelhantes pesqueiras, e ainda nos mesmos portos de mar, em que não há tanta abundância de pescado, como em outros tempos. Não falta quem atribua a castigo do céu esta esterilidade e adiante daremos notícia do motivo que para isso houve.

Vários são também os apelidos ou sobrenomes que se dão a esta ilha, pois em Portugal ordinariamente é chamada a Ínsua de Caminha, por ficar distante desta vila meia légua, e esse é o título que lhe dá em uma carta de privilégio para que nos não ocupassem os do governo da dita vila umas casas que tinham nela, de que adiante havemos de fazer menção.

Fora deste reino, principalmente no de Galiza, sempre se nomeou a Ilha de Carmes, e este mesmo sobrenome dão também à Senhora que aqui se venera, como se manifesta do já referido breve de Nicolau V ⁽¹⁾ que lhe dá o título de Santa Maria de Carmes. Tem sido muitos os oradores evangélicos, que a este título deram várias interpretações, formando uns científicos discursos e outros diferentes etimologias sobre a sua significação nos panegíricos do orago desta santa casa que é a de 8 de Setembro, dia da natividade da mãe de Deus, porém como isto é questão de nomes, e esta Senhora se ostenta gloriosa em outros muitos, nos pareceu não ser necessário gastar tempo em investigar mistérios em o dito

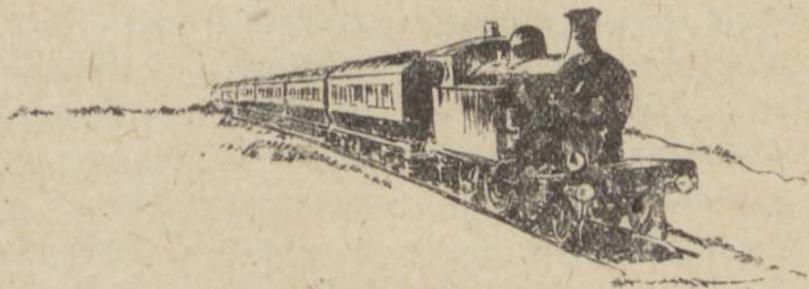
título, ignorando-se totalmente o principio que teve, ou o motivo que para ele houve.

E muito mais, não sendo vulgar em Portugal, em que ordinariamente é nomeada por Nossa Senhora da Ínsua, e alguns, como são os mareantes, lhe chamam Santa Maria da Boa Viagem, confiando-se do seu admirável patrocínio o bom sucesso dela. Também lhe dão o nome de Santa Maria da Salva, por lha costumarem dar quando passam por esta ilha com os ecos da sua artilharia. O mesmo fazem os pescadores, quando vão e vem do mar, que quando passam à vista do convento, salvam à Senhora e lhe suplicam com muita devoção, o bom sucesso que desejam.

O principio e origem da devota imagem, que se venera nesta santa casa, de todo se ignora, e só achamos notícia de que, quando se dedicaram ao seu culto e veneração os primitivos observantes, já a Senhora era aqui venerada muitos séculos antes, fazendo-lhe companhia um ermitão, que cuidava de seu culto e asseio da sua ermida. A imagem é formosíssima e fabricada de talha em madeira, porém de escultura excelente, e de três palmos e primorosamente estofada e tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deus, e como padroeira do convento está colocada no trono do altar mor.

No ano de 1757, sendo aqui guardião o Padre Frei João da Natividade, natural da vila de Amarante, mandou encarnar e estofar de novo esta sagrada imagem, para o que primeiro se fez de novo o Menino, por estar notavelmente danificado e agora ficou com muita maior perfeição. Tem na mão um livro em que mostra estar lendo, na mesma forma do antigo. Na mão direita da Senhora se pôs nesta ocasião um ceptro dourado, insígnia devido à sua majestade com que se manifesta rainha celestial e poderosa para favorecer aos seus devotos e a todos os que imploram o seu admirável patrocínio, também se lhe fez um como escabelo, ornado de quatro serafins, sobre que está a divina Senhora, com o que ficou em tudo perfeitíssima esta sua imagem.

(1) Frei Pedro de Jesus Maria José, obr. cit., tomo I pág. 36.



Ainda a nova tarifa dos Correios

Uma representação da Associação Industrial Portuguesa

Por oferecer grande interesse, reproduzimos, na íntegra, a representação que, com data de 30 de Novembro de 1948, a Associação Industrial Portuguesa enviou ao sr. Ministro das Comunicações. Trata-se, como se vai ver, de um documento importante, em que se defende, muito inteligentemente, o bom exercício das actividades económicas do país:

A modificação das taxas do correio, levada a efeito pela Portaria n.º 12.610, de 3 do corrente, constitui providência que afecta directamente as actividades económicas e que, por esse motivo, esta Associação Industrial tem interessadamente acompanhado, não só através da leitura cuidadosa daquele diploma, como ainda pela observação dos resultados da sua aplicação.

E porque nos parece que há aspectos que carecem de ser modificados, pedimos licença para submeter à superior consideração de Vossa Excelência algumas observações, sobre pontos que dizem respeito exclusivamente às mesmas actividades económicas e que, em nosso entender, são da maior importância.

Dentro desta orientação, deixamos de referir-nos ao aumento das taxas da correspondência ordinária, à qual as empresas comerciais e industriais têm de recorrer em proporções diferentes, consoante a natureza da actividade que exercem, mas que representa em média avultado encargo; por outro lado, não analisamos todos os aumentos de preço das taxas telefónicas e telegráficas e, de um modo geral, o conjunto de modificações introduzidas no sistema de preços vigente.

Vamos limitar-nos aos problemas das circulares e das amostras que foram resolvidos, mesmo dentro do novo plano, em condições que implicam uma alteração do critério de distribuição das taxas, que havia anteriormente sido estabelecido e se encontrava consagrado pelo uso de muitos anos. A seguir abordaremos também a questão dos portes de correio pagos pelas facturas comerciais.

1 — Lê-se no n.º 88 do Guia Oficial dos Correios, Telégrafos e Telefones, referente a Novembro de 1948 que as empresas pagavam, por cada 50 gra-

mas ou fracção de impressos, a taxa de dez centavos.

Aí se esclarece que se entendem incluídos nesta categoria todos os impressos que não se encontram discriminados na de impressos privilegiados, como, por exemplo:

«As circulares não manuscritas nem dactilografadas; os catálogos; os bilhetes de visita com o máximo de cinco palavras manuscritas; as provas tipográficas, acompanhadas ou não do original manuscrito, e embora apresentando as alterações e aditamentos que se refiram à correcção, à forma e à impressão, e as notas de «Visto, pode-se imprimir» ou análogas, quer nas próprias provas, quer em folhas anexas; os figurinos; os trechos recortados de jornais e publicações periódicas, tendo em manuscrito indicações relativas ao título, data, número e endereço das publicações de que foram extraídos; etc.».

Esta taxa de dez centavos era, pois, aplicável às circulares — a toda a espécie numerosíssima das circulares de propaganda, por meio das quais o comerciante e o industrial comunicam com os seus clientes e com o público em geral, dando-lhes conhecimento das mil e uma referências e informações que possam interessar à expansão dos produtos que vendem.

Não interessa ao problema apurar em pormenor a evolução desta taxa. Convém, no entanto recordar que o Decreto n.º 8.546, de 8 de Janeiro de 1923, fixou em \$03 a taxa das «circulares impressas e catálogos comerciais impressos, quando apresentados nas estações em número superior a 1.000 exemplares» e em \$10 os «impressos, cada 50 gramas ou fracção de 50 gramas».

Esta taxa de três centavos foi elevada para \$05 pelo Decreto n.º 9.424, de 11 de Fevereiro de 1924, ao mesmo tempo que os impressos subiam para \$15.

A Portaria n.º 9.863, de 19 de Agosto de 1941, estabeleceu relativamente às taxas das cartas (20 gramas ou fracção) o coeficiente de tarifação de 0,2 para cada 50 gramas ou fracção de impressos, «abrangendo os impressos comerciais, tais como catálogos, prospectos, preços correntes, etc. qualquer que seja a regularidade da sua publicação».

o que, sobre a base de \$50, corresponde a dez centavos.

Nestas condições, a elevação para trinta centavos da taxa aplicável aos impressos, feita pela Portaria n.º 12.610, além de corresponder a um aumento de duzentos por cento para impressos até 50 gramas — a maior parte — corresponde a uma sensível modificação do critério que presidiu à elaboração da Portaria n.º 9.863 e dos decretos que anteriormente regulavam os portes da correspondência.

Assim, dentro do critério estabelecido pela Portaria n.º 9.863, aumentando de cinquenta centavos para um escudo a taxa das cartas, a taxa dos impressos deveria elevar-se apenas para vinte centavos; dentro da orientação do Decreto n.º 9.424, que taxava em quarenta centavos as cartas e em cinco centavos as circulares (a subida deveria ser para doze centavos e meio) e, à face do Decreto n.º 8.756, que estabelecia em vinte e cinco centavos o porte das cartas e em três centavos o das circulares, estas pagariam somente doze centavos.

A simples enunciação destes números dispensa-nos de lhes fazer comentários, pois eles mostram, só por si, como são gravemente atingidos os interesses da Indústria e como vêm aumentando os encargos da correspondência por meio de circulares, em muitos casos tornando impraticáveis medidas de propaganda altamente vantajosas.

2 — As amostras sofrem também um agravamento sensível. Assim, no regime que estava em vigor, a taxa para as amostras até 100 gramas era de vinte centavos, acrescida de dez centavos por cada 50 gramas ou fracção a mais.

Presentemente, essa taxa é de trinta centavos para as encomendas até 50 gramas e de vinte centavos por cada 50 gramas ou fracção a mais.

Daqui emerge que uma amostra que pese até 50 gramas aumentou 50%; mas as que pesam entre 50 e 100 gramas aumentaram 150%, e as de peso superior aumentaram um pouco mais do dobro.

Ora, como é do conhecimento de Vossa Excelência, as amostras, representando embora um encargo considerável para muitas indústrias, constituem complemento indispensável das circulares e informações de propaganda e são um elemento basilar da expansão comercial das empresas.

3 — Um terceiro ponto nos parece ainda de abordar: as taxas das facturas comerciais.

Pelo Decreto n.º 9.424, de 11 de Fevereiro de 1924, estabeleceu-se a taxa de quinze centavos para as «facturas comerciais, sem outras indicações manuscritas, além da data, preços, quantidades, designação das mercadorias ou artigos, nomes do reme-

tente e destinatário, circulando em envelopes abertos», e pesando até vinte gramas.

Esta taxa de benefício foi mais tarde suspensa — supomos que pela Portaria n.º 9.863, de 19 de Agosto de 1941 — e as facturas passaram a pagar a taxa de correspondência usual.

Parece, porém, a esta Associação Industrial que, dentro da orientação de incentivar as actividades produtoras, há necessidade de retomar a orientação anteriormente seguida, que foi abandonada, a fim de se facilitar o movimento de correspondência das empresas.

4 — Repetimos: não pretende, de modo algum, esta Associação Industrial discutir a necessidade de os serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones elevarem as suas receitas. O problema que levanta situa-se exclusivamente no domínio do critério que presidiu à distribuição dos aumentos das taxas.

Esse critério não pode deixar de considerar a situação das actividades económicas, de modo que o Ministério do ilustre cargo de Vossa Excelência se integra na política de fomento que tem presidido a actuação do Governo e cada vez mais se torna indispensável.

E, neste momento de dificuldades, em virtude da retracção do mercado e do aumento de cargos — fiscais, sociais, administrativos, etc. — uma elevação das taxas de correio impostas às circulares e às amostras corresponde a sério embaraço que muito vem entrar o bom exercício das actividades económicas. Aliás, mesmo que o momento não fosse de depressão, impunha-se igualmente o estabelecimento, dentro do plano de distribuição de encargos dos Correios, Telégrafos e Telefones, de taxas especiais para as actividades produtivas, que ao Governo importa facilitar e incentivar, como elementos de que depende a prosperidade da Nação.

Dentro desta orientação, deve voltar-se ao estabelecimento de taxas privilegiadas para as facturas comerciais.

No nosso País, cujo desenvolvimento industrial se iniciou há escassas dezenas de anos, o lançamento de qualquer produto novo, que virá concorrer no mercado com os similares estrangeiros, exige uma publicidade intensa e persistente, um serviço de assistência à clientela montado com eficiência, uma informação infatigável, que a Portaria n.º 12.610 veio agora prejudicar, triplicando os encargos de correio.

Senhor Ministro:

Não pode o Estado deixar de atender, nas medidas que toma, em todos os pormenores, aos interesses da produção, que representam interesses vitais do País.

Por esse motivo, temos a honra de solicitar a

Vossa Excelência uma revisão da Portaria n.º 12.610, de modo que as taxas da correspondência pagas pelas actividades produtivas pela expedição das suas circulares e das suas encomendas e facturas sejam reduzidas a montante compatível com as necessidades de uma fácil utilização dos serviços dos Correios.

A solução poderia residir, para as circulares, quer num abaixamento da taxa (solução naturalmente mais prática) quer na criação de uma taxa especial para as circulares que tenham por exemplo o mínimo de 1.000 exemplares, expedidas pelas empresas comerciais e industriais.

Critério paralelo se poderia adoptar para as amostras, pois fácil seria até o estabelecimento de uma tarifa mais baixa para as que são expedidas pelas empresas comerciais e industriais.

O problema das facturas esteve já resolvido e não oferece dificuldade prática.

Espera, pois, a Associação Industrial Portuguesa da inteligência de Vossa Excelência, do seu conhecimento das graves dificuldades do momento que atravessamos, do seu superior critério, que o problema posto haverá de ser devidamente ponderado e resolvido.

Há 50 anos

(Da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, de 1 de Março de 1899)

À ÚLTIMA HORA

Lei do sello

Acabamos de vêr que o sr. Alvaro de Castellões apresentou na camara uma emenda que foi admittida sem discussão e mandada á commissão, alterando a verba 247 sobre bilhetes de passagem em caminho de ferro e até pondo sello nos vehiculos de carreira.

Chamamos a attenção das companhias para esta emenda, muito peor que o soneto, pela qual o imposto recaria sobre todos os bilhetes desde 100 réis, e seria 30 réis em 1.ª classe, 20 réis em 2.ª e 10 réis em 3.ª!!!

Os bilhetes de tranvias, carros da *Luzitana*, etc., pagariam 10 réis, sempre que o seu preço não fosse inferior a 50 réis.

Vejam isto os que teem que vêr.

A Obra do Ministro

Decretos, portarias e circulares

Do ministerio das obras publicas recebemos dois exemplares de um volume de 400 paginas, contendo todas as disposições, promulgadas pelo actual titular d'aquella pasta, desde a sua subida ao poder até 31 de dezembro de 1898.

Compreende-se que quem produziu tão extraordinarias provas de trabalho para a reorganização da administração publica, tenho orgulho da sua obra, que é incontestavelmente valiosa e de utilidade para o paiz.

N'essa profusão de diplomas, publicados no breve espaço de quatro mezes, ha, sem duvida, providencias que a pratica demonstrará serem inuteis, ou mesmo inconvenientes; mas ha com certeza muitissimo trabalho verdadeiramente aproveitavel, que ficará constituindo base de legislação futura; e, no seu conjuncto, todo esse grupo de providencias affirma as mais prodigiosas faculdades de actividade do seu auctor e o mais dedicado empenho de administrar bem. Esta gloria ninguem lha pode contestar.

Na impossibilidade de analyzarmos toda a obra, nos seus complexos detalhes, faremos d'ella o resumo estatístico, que só por si é curioso:

São 79 os documentos publicados, tendo sido promulga

dos: em agosto, 17; em setembro, 26; em outubro 15; em novembro, 5; em dezembro, 16.

D'estes referem-se a:

Fomento agricola	12
Correios e telegrafos	12
Caminhos de ferro	11
Ensino industrial e commercial	7
Estradas	5
Serviços florestaes	4
Propriedade industrial.	2
Exposição de Paris	2
Diversos assumptos.	24

N'estes ultimos comprehendem-se todos os que se relacionem com o serviço de obras publicas, o commercio e a industria, taes como o pessoal, fornecimentos, fiscalização de machinas, academias polytechnicas, conselhos consultivos, monumentos, portos, propriedade industrial, etc.

Os 11 diplomas sobre caminhos de ferro foram todos publicados integralmente na nossa *Gazeta*, nos n.ºs 257, 258, 259, 260 e 264, do anno findo, e 265 de janeiro do anno corrente.

ESPECTACULOS

CARTAZ DA SEMANA

CINEMAS

COLISEU — 1.ª e 2.ª Companhia de Circo.
EDEN — Às 15,30 e 21,30 — «Parada de Estrelas».
OLIMPIA — Às 15 e 21 — Filmes de aventuras.

PARQUE MAYER — Divertimentos, atracções,

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição de animais.

MANUAL DO VIAJANTE

EM PORTUGAL

OS POUCOS EXEMPLARES QUE RESTAM DO I VOL. ESTÃO À VENDA

Em preparação a nova edição,
em UM UNICO VOLUME

Recortes sem comentários

Acabemos com as crèches!...

Como toda a gente sabe, a palavra francesa *crèche* tem o significado de *mangedoura*. Vê-se, portanto, que aquela palavra estrangeira, — usada para designar um objecto que normalmente se encontra nos currais, nos estábulos e nas cocheiras, — não é conveniente para denominar uma simpática instituição de assistência social. Nada aconselha o uso do execrando estrangeirismo que, rebaixando a nossa primeira infância ao nível da irracional animalidade, nos torna dignos de mofa aos olhos dos ilustrados franceses. Mas a verdade é que, por mais luminosas que tenham sido as razões apresentadas pelos beneméritos filólogos, amigos da boa linguagem porque amigos da sua Pátria, não tem sido possível expulsar para além das fronteiras idiomáticas o ridículo vocábulo estrangeiro!

Há quem afirme, levemente, que a palavra *crèche* se encontra já enraizada nos nossos costumes e que seria impossível excluí-la do falar comum. Diz-se também não ser fácil encontrar substituto vernáculo, de uso frequente e correto. Mas essas afirmações não correspondem à verdade: não passam de míseras desculpas para a indolência e a indecisão dos que se confessam culpados na propagação de feios estrangeirismos.

É evidente que se os dirigentes das instituições de protecção à primeira infância decidirem substituir a designação de *crèche* pela de *infantário*, superiormente aconselhada, e se fizerem, como esperamos, as consequentes alterações nos impressos correntes, em poucas semanas cairá em desuso o impróprio francesismo para dar lugar à expressão portuguesa, de significado mais sugestivo e de mais bela sonoridade.

Infantário, lugar próprio para infância, e não *crèche* ou *mangedoura*, que se encontra nas cocheiras, nos estábulos e nos currais. Mas se a palavra *infantário* a princípio vos assusta, se vos perturba pela estranheza singular da novidade, podereis substituí-la por expressões portuguesas aqui e além já usadas, tais como *alegrete*, *ninho dos pequeninos*, ou *jardim infantil*. Seja como fôr, o que interessa é nunca mais escrever, imprimir ou desenhar a palavra *crèche*, para que, excluindo-a hoje da linguagem escrita, a expulsemos amanhã da linguagem falada.

Assim procederemos no nosso jornal, que sempre tem procurado defender o perfeito regionalismo, integrado no verdadeiro patriotismo. Quanto a nós, a escolha já está feita: optamos sinceramente pela palavra *infantário*.

(De Mensário das Casas do Povo)

Alcalá Zamora

Com 72 anos morreu em Buenos Aires, seu exílio, D. Niceto Alcalá Zamora, que era um espanhol ilustre e antigo Presidente da República Espanhola.

Matou-o a arteriosclerose, súbitamente, aliada às contrariedades e vicissitudes da sua vida política.

Foi jornalista e orador de valor, tendo alcançado, como parlamentar liberal, grande prestígio no tempo da monarquia.

Os acontecimentos da política em Espanha levaram-no a exilar-se em França e, depois, na Argentina.

Esteve pobre e vivia, então, da sua pena, por os bens próprios lhe terem sido confiscados, ainda que há pouco lhe fosse dada reparação dessa injustiça.

Alcalá Zamora é um nome que fica para sempre na história da Democracia e na lista dos que amam a Liberdade e por ela se dão todos.

(De A Rabeca)

A condenação do Primaz da Hungria merece toda a repulsa!

A condenação, draconiana, do Cardeal Primaz da Hungria, pronunciada, em Budapesth, por um tribunal de excepção, está dando origem aos mais veementes protestos do Mundo Católico, — a que, também, se associaram, de cérebro e coração, as pessoas desta cidade que abraçam a religião Cristã e que querem que seja dado a *Deus o que é de Deus e a César o que é de César*.

Por mau caminho seguem os que julgam estar na intolância o verdadeiro caminho a trilhar, para se vencer a Marathona da Paz tão ambicionada pelos de bom pensar.

A condenação do Cardeal Primaz da Hungria merece toda a repulsa!

(De O Despertar)

CARBOLINIO
ESTRANGEIRO

Venda: **CASA UPI**
PRAÇA DO MUNICÍPIO, 22
LISBOA

CEL

é a marca dos condutores eléctricos fabricados segundo as normas de segurança das instalações de baixa tensão

PELA

Fábrica Nacional de Condutores Eléctricos, L.da

AGENTES EXCLUSIVOS:

S O D I L

SOCIEDADE DISTRIBUIDORA, L.da

Rua Nova da Trindade, 15-C

LISBOA

C E L

é a marca de condutores eléctricos QUE SE IMPÕE

A. A. Macedo Basto

LISBOA — ÁFRICA

Sede:

Rua do Cais de Santarém, 32, 1.º

Caixa Postal, 674 — Telef. 2 6496

*

SUCURSAIS:

LUANDA

Rua Sousa Lara — Caixa Postal, 678

LOURENÇO MARQUES

Rua Araujo, 87 — Caixa Postal, 1184

Telegramas:

AMATO } LISBOA
 } LOURENÇO MARQUES
 } LUANDA



Avenida Palace Hotel

Endereço Telegráfico: -PALACE-LISBOA-

Telefones 3 0154-3 0157 — LISBOA

Hotel de 1.ª classe, situado no coração da cidade, junto da estação do Rossio e perto da Avenida da Liberdade

130 Quartos — 80 Quartos com banho

Telefones em todos os quartos, ligados à rede internacional

AQUECIMENTO CENTRAL, ESMERADÍSSIMA COMIDA — VINHOS SELECTOS — AMÉRICA BAR

Preços moderados-Para estadias prolongadas condições especiais

GLYCOL

O IDEAL DA PELE



PRODUCTOS V. A. P.

- GLYCOL amacia a pele.
- GLYCOL dá aos lábios a maior frescura.
- GLYCOL é o ideal fixador do pó de arroz.
- GLYCOL evita o cieiro.
- GLYCOL dá a todas as peles o raro encanto da mocidade.

G
L
Y
C
O
L

- GLYCOL cura o «cres-tado» do Sol e o «quei-mado» da Praia.
- GLYCOL cura todas as impurezas e estragos da pele, tais como: eru-pções, borbulhas, espí-nhas, impigens, rugas, manchas, escoriações leves, mordeduras de insectos, fricções, etc.

Indispensável para as crianças, senhoras e cavalheiros
À venda nas melhores casas da especialidade e principais farmácias

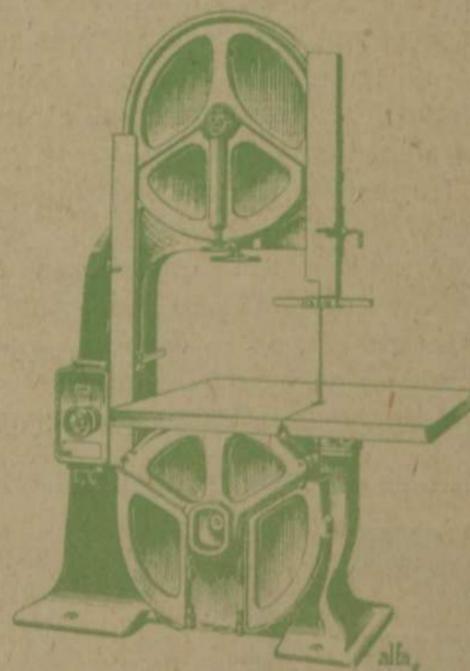
DEPOSITÁRIOS:

Ventura d'Almeida & Pena

RUA DO GUARDA MOR, 20, 3.º E. (a Santos) LISBOA
Telefone 64972

Remetemos uma amostra a quem nos enviar nome, morada e 5550 em selos do correio, para despesas de embalagem e registo

MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA



Guilliet

Fábrica em Auxerre
(França)

Casa fundada em 1847

Mais de um século
ao serviço da indús-
tria da madeira

GRANDES EXISTÊNCIAS EM TODA
A VARIEDADE DE MÁQUINAS PARA
SERRAÇÕES, CARPINTARIAS, MAR-
CENARIAS, ESTALEIROS, ETC.

Motores eléctricos, ferramentas, acessórios

EXPOSIÇÃO E VENDA

GUILLIET, L.^{DA}

Rua Dona Filipa de Vilhena, 10, B-C (Arco do Cego) — LISBOA

Materiais para Carrocerias de Automóveis e Auto-Carros

(TUDO PARA CARROCERIAS)

Auto - Carrocerias, L.^{da}

Telegramas: «Carrocerias»

Telefone: 27533

Apartado 406

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 117

L I S B O A

Para beber um bom café
prefira sempre os cafés de:

CABO VERDE
SÃO TOMÉ
ANGOLA
TIMOR

Que figuram entre
os melhores do Mundo

NOGUEIRA, Limitada



LISBOA:

R. dos Douradores, 107-1.º
Telef. PBX 21381-82

PORTO:

Rua do Almada, 134-136
Telefone 7107

REPRESENTANTES DE:

S. A. DES FORGES-USINES & FONDERIES DE HAINE ST. PIERRE - Haine-Saint-Pierre (Bélgica). Todo o material ferroviário, Vagões, Locomotivas, etc.

S. A. DES FORGES & ACIERIES DU NORD & DE L'EST - Valenciennes (Nord), França. Aros de aço para rodas de vagões e locomotivas - Eixos de rodas.

S. A. METALLURGIQUE DE PRAYON - Trooz, Bélgica. Zinco laminado em chapas, Placas de zinco para caldeiras.

TREFILERIES & LAMINOIRS DU HAVRE - Paris. Alumínio, cobre e latão em chapas, barras, tubos, arame, cabo, etc. - Especialistas no fabrico de cabo e arame de cobre electrolítico para linhas de distribuição de energia eléctrica.

COMPAGNIE POUR LA FABRICATION DES COMPTEURS - Montrouge (Seine), França. Contadores (água, gás e electricidade) e Aparelhos de medida para usos industriais e laboratórios.

ATELIERS DE CONSTRUCTIONS ELECTRIQUES DE CHARLEROI - Charleroi, Bélgica. Dinamos, Alternadores, Transformadores, Aparelhagem eléctrica para todas as tensões e potências.

S. A. ESCHER WYSS - Zurique. Turbinas hidráulicas e de vapor, Caldeiras. Toda a mecânica de precisão.

DAVUM EXPORTATION Paris. Ferro redondo para cimento armado. Vigas I e Ferros U, Ferro de fundição, Arcos de ferro, Aços especiais para todos os fins.

COMPTOIR FRANCO BELGE D'EXPORTATION DE TUBES D'ACIER - Paris. Tubos de ferro para água, gás e vapor. Tubos de aço para caldeiras e sondagens.

The Red Hand Compositions Company LONDON

Tintas Anti-Corrosivas marca **Mão Vermelha**, também conhecida por tinta **Hartmann**. A mais resistente ao calor, e de protecção eficaz e duradoura.

Não é afectada pelo ar do mar e é de

Agentes gerais:

D. A. KNUDSEN & C.º, Limitada
TELEFONE: 2 2787-2 2790 TELEGRAMAS: KNUDSEN
Cais do Sodré, 8, 2.º - LISBOA

RAHTJEN'S COMPOSITION



(MÃO VERMELHA)
Company, Limited
ANTICORROSIVA PAINTS

uniforme qualidade, consistência e cor, para pintar madeira, metais, pedra e cimentos; tanto para interiores como exteriores.

Tintas especiais para interiores, exteriores e fundos de navios de madeira ou de ferro.

THOMAZ DA CRUZ & FILHOS, L.ª

CASA FUNDADA EM 1865

Sede: PRAIA DO RIBATEJO

Fábricas de serração em
PRAIA DO RIBATEJO, CAXARIAS, PAMPILHOSA
DO BOTÃO E CARRIÇO.

EXPORTADORES DE MADEIRAS
PREMIADOS EM VÁRIAS EXPOSIÇÕES

End. Teleg. - Thocruzilhos

Telefone n.º 4 - Praia do Ribatejo

Escritório em Lisboa - 4, Largo do Stephens, 5

End. Teleg. - Snadek - Telefone n.º 21868

SAPATARIA



RUA DO AMPARO
A MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TEL. 28000

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º - Telef. 2 6519

Dr. Amaro de Almeida - Medicina, coração e pulmões - às 6 horas
Dr. Bernardo Vilar - Cirurgia geral e operações - às 5 horas
Dr. Miguel de Magalhães - Rins e vias urinárias - à 1 hora
Dr. Correia de Figueiredo - Pele e sífilis - às 6 horas
Dr. R. Loff - Doenças nervosas, electroterapia - às 5 horas
Dr. Mário de Mattos - Doenças dos olhos - às 2 horas
Dr. Pereira Machado - Estômago, fígado e intestinos - às 2,30 horas
Dr. Afonso Simão - Garganta, nariz e ouvidos - às 3,30 horas
Dr. Casimiro Afonso - Doenças das senhoras e operações - às 3 horas
Dr. Gonçalves Coelho - Doenças das crianças - às 5,30 horas
Dr. Armando Lima - Bôca e dentes, prótese - às 2 horas
Dr. Aleu Saldanha - Raios X - às 4 horas
Dr. Mário Jacquet - Fisioterapia - às 4 horas
Dr. Junqueira Júnior - Doenças Tropicais - Todos os dias, às 18 h.

ANÁLISES CLÍNICAS

Vai viajar?

LEVE O

Manual do Viajante

em Portugal



PARA IMPERMEABILIZAÇÃO DE PAREDES, FUNDAÇÕES, REBOCOS, ETC.

EMPREGUE

CIMENTO «LIZ» — HIDROFUGADO «N»

Um produto nacional que substitui com vantagens técnicas e económicas todos os hidrófugos conhecidos

EM SACOS DE PAPEL DE 50 QUILOS
Peçam instruções para o seu emprêgo

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA
Filial no Norte: Rua de Santo António, 190-A, 1.º — PORTO

AGENTES EM TODO O PAÍS

Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, L.^{da}

A MAIS ANTIGA DA PENÍNSULA — FUNDADA EM 1824

AS MELHORES PORCELANAS PARA USOS DOMÉSTICOS
E INDUSTRIAIS, PORCELANAS DECORATIVAS E ELÉCTRICAS

Fábrica em Ilhavo — AVEIRO

AS PORCELANAS DA **Vista Alegre** RIVALIZAM COM AS MELHORES ESTRANGEIRAS

DEPÓSITOS { PORTO — Rua Cândido dos Reis, 18
LISBOA — Largo do Chiado, 18

Sede: Largo da Biblioteka Pública, 17-r/e — LISBOA

PENNZOIL

O MELHOR
O MAIS ECONOMICO
DO MUNDO



Em 1934 a UNION PACIFIC inaugurou o comboio mais rápido do mundo, movido a motor DIESEL. Essa velocidade, até então desconhecida, foi possível graças à lubrificação eficiente do óleo PENNZOIL

Hoje, a UNIÃO PACIFIC explora várias linhas nas mesmas condições, com comboios semelhantes. São todos lubrificados exclusivamente com o famoso óleo

PENNZOIL

que é considerado pela COMPANHIA UNION PACIFIC
«o melhor e mais económico óleo do mundo»

EXIJA TAMBÉM PENNZOIL

O ÓLEO DE CONFIANÇA — O ÓLEO DE SEMPRE

Vendido em embalagens seladas na origem e garantido 100% puro da Pensilvânia

Agentes gerais: **A. CONTRERAS, L.^{DA}** — Rua Eugénio dos Santos, 112, Lisboa

FRANCE

Commissariat Général Au Tourisme

RIVIERA FRANCESA

O MAR SEMPRE AZUL



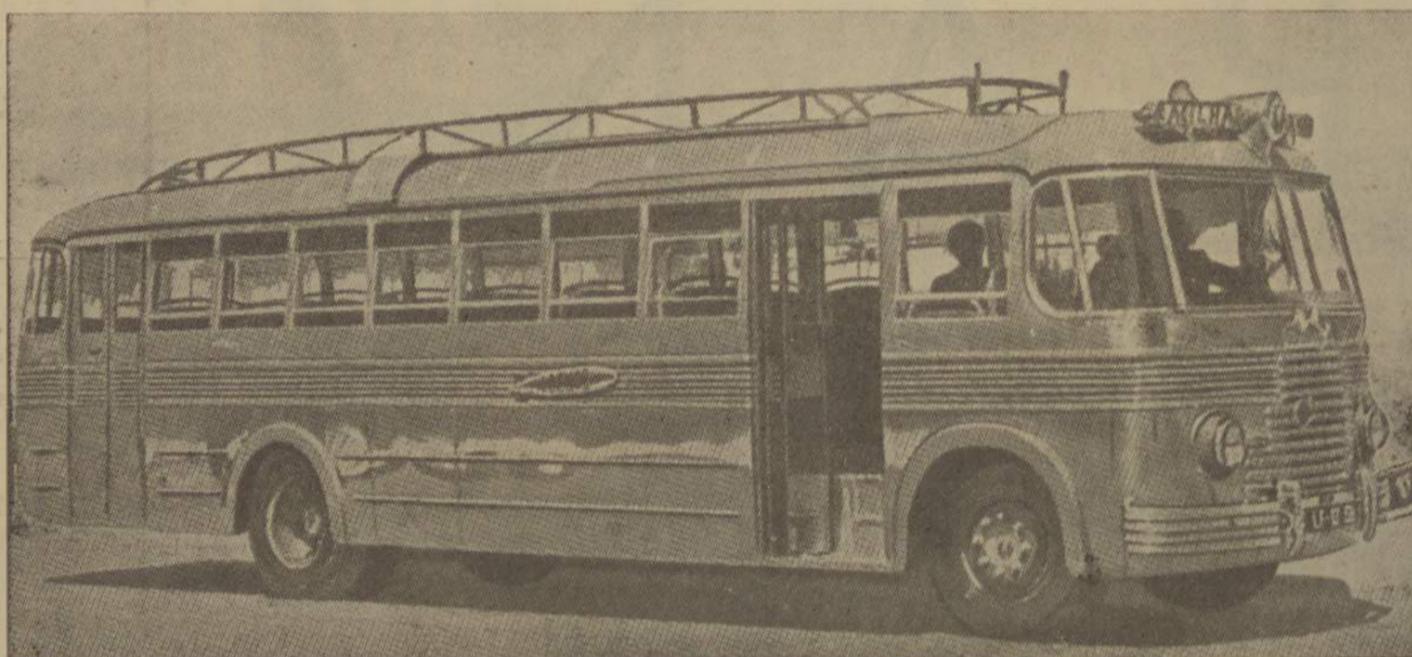
Todas as informações bem como o programa de festas da ESTAÇÃO DE INVERNO 1948-1949, ser-lhe-ão enviados gratuitamente na volta do correio.

Telefone: 25368

234, RUA AUREA 242

Telegramas: COMIGETOURISME

L I S B O A



CONSTRUTORES PARA AS MELHORES EMPRESAS DE AUTO-CARROS DO PAIS
EXECUTAMOS TODO O TRABALHO EM AUTOMÓVEIS

A IDEAL DE CARROCERIAS, L.^{DA}

de CARLOS LINO, FERNANDO DE OLIVEIRA E EFREM PINHEIRO

Apresentam este moderníssimo auto-carro para 39 a 41 passageiros, da EMPRESA DE CAMIONETES PIEDENSE, LIMITADA., com exploração da carreira Cacilhas-Praia do Sol — Construído em 73 dias — bateu assim o «record» das construções, apresentando, com esta unidade, a 20.^a construção em 19 meses.

Oficinas: Quinta das Freiras, à Azinhaga da Torrinha 54, (ao Rego) LISBOA

EMPRESA DE PAVIMENTOS E ISOLAMENTOS, LIMITADA

E P I L
CASA FUNDADA EM 1934

PAVIMENTOS, REBOCOS, REVESTIMENTOS E ISOLAMENTOS

MARMORITE «EPIL», Pavimentos contínuos — «DUREPIL» PULIDO: Lambris — «DUREPIL» LAVADO: Revestimentos de fachadas, etc. — «DUREPIL» PROJECTADO: Rebocos exteriores

Isolamentos térmicos e de humidade — **DEATISOL** — Isolamento de tubos condutores de vapor, caldeiras, etc.
Impermeabilização e isolamento de terraços, etc., com filtros betuminosos
Pavimento contínuo isotérmico (tipo corticite)

Fábrica, Escritórios e Armazéns: Rua António Pedro, 24 e 26 Telef. 43 755 LISBOA

FORNECEDORA DA COMPANHIA DOS
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
de todos os trabalhos da sua especialidade, tendo
colaborado nas obras de modernização dos edifícios
e instalações das Estações do Rossio, Santa Apolónia,
Campolide, Trindade, do Porto e Vilar Formoso.

E. Pinto Basto & C.^a, L.^{da}

L I S B O A

Transportes Marítimos e Aéreos

C A R V ã O

S E G U R O S

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

No PORTO

Kendall, Pinto Basto & C.^a, L.^{da}

Virgilio Preto

ENG.º CIVIL

≡×≡×≡×

EMPREITEIRO DE CONSTRUÇÕES
— CIVIS E OBRAS PÚBLICAS —

≡×≡×≡×

Praça Luís de Camões, 36, 2.º-Dt.º

Telefs.: 2 0966 e 2 8708 — LISBOA

ANTIGAMENTE

era preciso subir 72 degraus para chegar até lá...

HOJE

...não custa nada, pois o elevador transporta-o e, sem ser incomodado, pode apreciar centenas de bons quadros que a GALERIA MOLDER orgulhosamente expõe

G A L E R I A M O L D E R

Rua 1.º de Dezembro, 101, 3.º — Telef. 2 1514 — LISBOA

Palma, Morgado & C.^a, L.^{da}

Reparações gerais em automóveis

Serviço permanente de pronto socorro

Rectificação de blocos de cilindro — Soldadura a auto e electrogéneo — Mecânica geral — Pintura —
— Bate-chapas — Electricista — Estofador, etc. —

Avenida Elias Garcia, 106-108

Telef. 7 4789 — LISBOA

A Ponte em granito, de Vila Meã e uma outra sobre o Rio Tâmega, com 65 metros de altura e 340 de comprimento, mandadas executar pela D. G. dos C. de Ferro foram construídas por

A n t ó n i o V e i g a

o conhecido construtor civil, diplomado e empreiteiro de Obras Públicas

L I S B O A — Avenida Almirante Reis, 247, 1.º-Dt. — Telefone 7 5031

A Enceradora

com as suas máquinas de raspar, alisar e encerar, deixa os soalhos novos ou velhos, lisos, brilhantes. — ORÇAMENTOS GRÁTIS

47-E, Av. da República, 47-F — LISBOA

Telefones 7 0543 — 7 3549

António Jorge

Camionetes de aluguer e Transportes dos C. de Ferro

ESTACIONAMENTO:

R. Nova do Carvalho, 17

RESIDÊNCIA:

Calç. dos Barbadinhos, 205, r/c.

L I S B O A — Telefone 2 6312

ANGELO G. RAMALHEIRA

ENGENHEIRO

Nas suas grandiosas construções:

Liceu D. João de Castro — LISBOA

Instituto Português de Oncologia

Hospital Escolar do Porto

Fábrica de Folha de Flandres do Porto

CONSTRUÇÕES — ESTUDOS E PROJECTOS
DE ESTABILIDADE — BETÃO ARMADO

Avenida Sidónio Pais, 14-r/c. Esq. — Telef. 4 9313

LISBOA — PORTUGAL

DECORAÇÕES — PINTURAS — ESTUFAS
RECONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE
PROPRIEDADES: INTERIORES E EX-
TERIORES

JAIME RESENDE

Praça dos Restauradores, 13, 2.º-E.

LISBOA — Telef. 2 8110



TÁMAR

Significa elegância e bom preço

SAPATARIA

36, Arco Marquês do Alegrete, 40
PORTUGAL Telef. 3 3210 LISBOA

10 % de desconto aos Ferroviários

Fábrica: Rua de S. Vicente, 19 r/c e 1.º andar - Telef. 2 1648

TINTAS

PARA TODOS
OS FINS

Visite a **CASA UPI**

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 22

LISBOA

Quereis dinheiro ?

JOGAI NO

Lama

Rua do Amparo, 51
LISBOA

Sempre Sortes Grandes!



António Pereira Campos

Um grande técnico de construção civil

O sr. António Pereira Campos, actual Presidente do Sindicato dos Construtores Civis, é uma das maiores competências na construção civil, tendo o seu nome honrosamente ligado a algumas das mais importantes edificações e reconstruções do país. E' longa a lista dos seus trabalhos de maior responsabilidade. Dela fazem parte o bloco de dezasseis edificios do Hospital Asilo da Colónia Agrícola, situado na quinta da Couzaria, em Coimbra; a restauração e ampliação dos interiores do Palácio Foz, onde se instalou sumptuosamente a sede do Secretariado Nacional de Informação, Turismo e Cultura Popular; as obras de remodelação e restauração feitas no edificio da Caixa Geral de Depósitos, ao Calhariz; várias moradias, entre as quais uma no prolongamento da Avenida Almirante Reis, lote 32, composta de cave, rés-do-chão e primeiro andar; adaptação e construção de Parques e Casernas para viaturas do Regimento de Cavalaria 4, em Santarém, e ainda um novo depósito de material sanitário e de hospitalização, do Ministério da Guerra, com dois pavilhões e parques para viaturas, num comprimento de 87 metros.

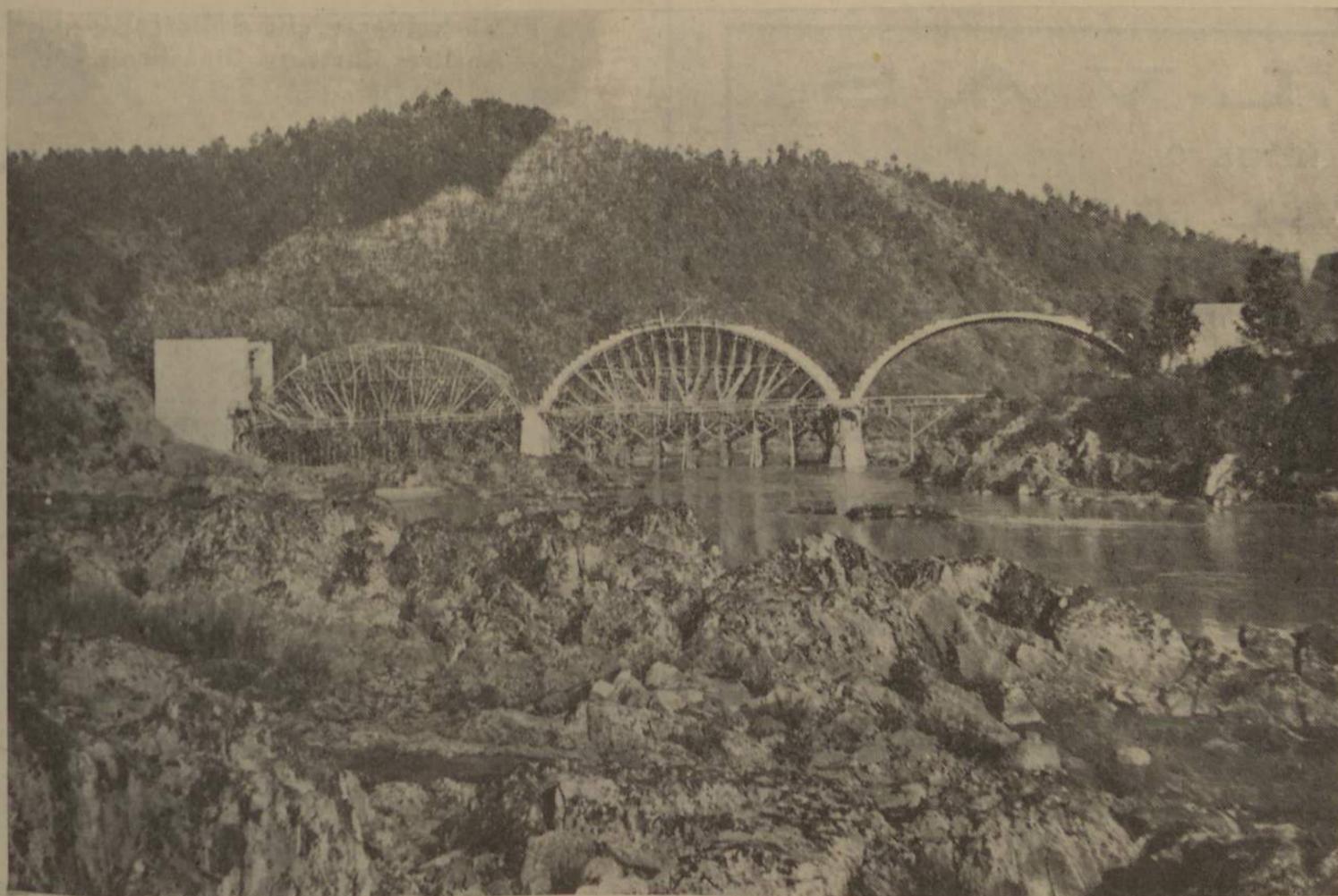
Pela sua importância, não podemos deixar de fazer referência a mais dois trabalhos: a construção da Ponte do Orvalho, sobre o rio Zézere, no sítio do Cas-

telo, em cimento armado, com o comprimento de 120 metros e a largura de 7^m,60, e de uma outra, sobre o mesmo rio, no lugar da Barca do Telhado, na região do Fundão, com 150 metros de comprimento por 7^m,60 de largura.

A Ponte do Orvalho, de que reproduzimos um aspecto da sua última fase de construção, foi inaugurada recentemente, mostrando-se o sr. António Pereira Campos muito reconhecido com o sr. engenheiro Augusto S. Marta, o homem que trabalha ao lado de qualquer operário, por lhe ter facultado a possibilidade de a ponte ser inaugurada na data marcada; e ainda com os srs. engenheiros Oliveira e Sousa e Carlos Couvreur, que facilitaram ao empreiteiro, dentro do possível, tudo que era razoável para que a ponte se construísse a tempo.

Trata-se, pois, de um técnico de incontestável categoria, que honra a sua classe.

O sr. António Pereira Campos, que se encarrega da construção de edificios públicos e particulares, ampliações, pontes, fábricas, oficinas e trabalhos em betão armado, tem o seu escritório na travessa de Santo António, 14, 2.º, telefones 23736 e 27883, aonde os interessados devem dirigir-se a fim de obterem informações, projectos e orçamentos.



Ponte do Orvalho, sobre o Rio Zézere, recentemente inaugurada

Empreiteiro HERCULANO

JOSÉ PINHEIRO

NA Construção Civil e Obras Públicas o nome de Herculano José Pinheiro é um dos mais conhecidos e conceituados. Há 32 anos que consagra a sua actividade e empreendimentos de vulto não só em Lisboa e província como nas Ilhas e Colónias.

Construção do Liceu Gil Vicente; Remodelação e Ampliação do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Construção, em Vila Verde da Raia, de moradias para os empregados da Alfândega e Guarda Fiscal e em Porto Alexandre (Africa), construção do Bairro dos Poveiros, com 50 moradias, além dos edifícios da Salga do Peixe.

O sr. Herculano José Pinheiro está construindo, na Alameda Afonso Henriques, o Cine-Teatro Império (projecto do Architecto Cassiano Branco), com Café, Bar-Dancing e capacidade para 2.000 espectadores, ocupando uma área de 1.400 metros; pertence à firma Empresa Cinematográfica Império, L.^{da}. O seu escritório é na Rua Carlos Mardel, 46, 2.^o-Esq.^o Telefone 6 4778 - LISBOA.

ELVAS

TEM FINALMENTE O

HOTEL ALENTEJO

O MAIS MODERNO DO PAÍS,
NO MELHOR LOCAL DA CIDADE

MAGNÍFICOS QUARTOS, ADMIRÁVEL CONFORTO E UMA AMPLA SALA DE JANTAR COM COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

HOTEL ALENTEJO-ELVAS

Ignifugo «Bengo»

Torna incombustíveis
madeiras e tecidos

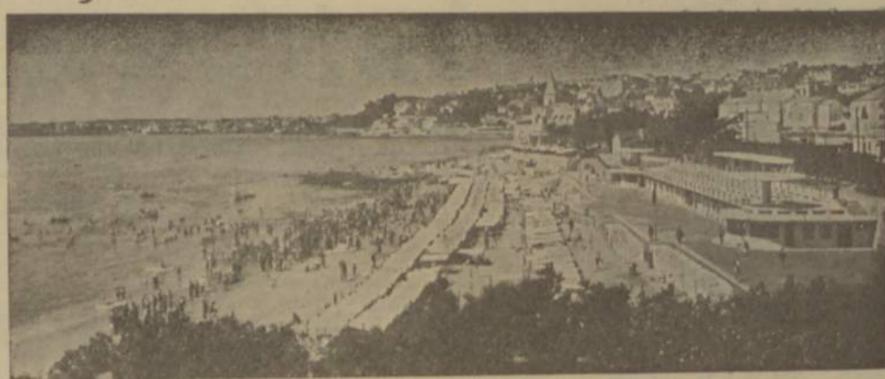
Certificado do B. S. Bombeiros,
à disposição.

VENDE

Casa «Upi»

P. do Município, 22 em

LISBOA



Estoril

COSTA DO SOL

a 23 quilómetros de Lisboa

A mais elegante praia do País

TODOS OS DESPORTOS

Golf, Tennis, Hipismo, Natação, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL

Elegante e confortável

HOTEL DO PARQUE

Completamente modernizado

MONTE ESTORIL HOTEL (Monte Estoril)

Serviço esmerado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico
— Análises Clínicas — Ginástica — Cultura Física

TAMARIZ

Magníficas esplanadas sôbre o mar — Restaurante — Bars

PISCINA

SALA DE ARMAS

ESCOLA DE EQUITAÇÃO

«STANDS» DE TIRO

PARQUE INFANTIL

CASINO aberto todo o ano

CINEMA — CONCERTOS — FESTAS — DANCING —
RESTAURANTE — BARS — JOGOS AUTORIZADOS

Informações:

Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL



Carlos da Costa Frescata

FORNECEDOR DE CARNES DE PORCO FRESCAS, SALGADAS E FUMADAS

Premiado na Exposição Regional de Setúbal, com o 2.º Prémio - (Medalha de Prata).

· MALHADAS PRÓPRIAS DE ENGORDA - FÁBRICA E ARMAZENS - QUINTA DO ANJO - TELEF. 306 ·

FORNECEDOR DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO

Escritório em Lisboa: ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 17, 4.º Esq. - Telefone 4 2924

Armazém em Lisboa: R. CARLOS MARDEL, 38-C

Armazéns em Setúbal: TELEF. 486

Sucursais:

PORTO - Rua Fernandes Tomaz, 417 - Telefone: 2 3815

COIMBRA - Rua das Padeiras, 17-19 - Telefone: 3515



GERMANO MACHADO

SERRALHARIA MECÂNICA E CIVIL

45-A, Calçadinha do Tejolo, 45-A (às Escolas Gerais)

TELEFONE: 27237

LISBOA

MÁQUINAS

PARA

BLOCOS

BETONEIRAS

manuais e mecânicas

MOLDES para

Manilhas de cimento

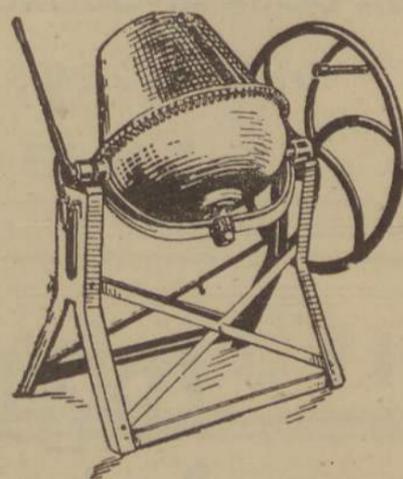


Fogões Nacionais

Para hotéis, exército ou particulares com ou sem aquecimento para banhos.

Salamandras Francesas
Instalações completas

Fogões Ingleses
COM GUARNIÇÕES EM MÁRMORE

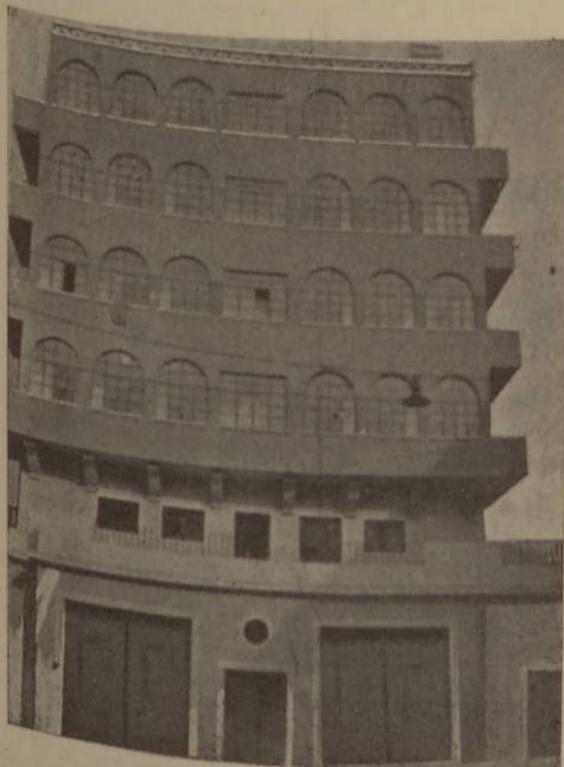


FOGÕES DE SALA com tejolo à vista

CANALIZAÇÕES DE FERRO para água e a vapor

EXECUTAM-SE TODOS OS
TRABALHOS EM LATÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Prédio com 6 pavimentos, situado na Pr. Dr. Bernardino A. Gomes, 177-D, 177-H, (ao Campo de St.ª Clara). De técnica especial e construção moderna, são de Mogno e Tola, polidas na côr natural, as madeiras empregadas nos soalhos, janelas, portas, etc.. Adapta-se a grandes empresas ou instalações de escritórios, oficinas, armazens, dada a sua localização. Os 2 últimos andares destinam-se a habitação e possuem todo o conforto moderno. E' uma obra do Construtor Civil diplomado pelo I. S. L.

Manuel Ferreira Martinho, J.º

Rua da Emenda, 69-3.º - Telef. 24635 - LISBOA

Construções para habitação ou para qualquer ramo de indústria

ARMAZENS DO ROSSIO

J. MATTOS
Rossio, 79

Algodões

Lãs

Sêdas

Tapeçarias

Carpetes

Decorações

EST. OS JOÃO ALVES DE MATTOS, L.^{DA}

RUA DOS FANQUEIROS, 277-1.º E 3.º

Telefones 2 2403 e 3 2736

LISBOA

Fábrica de Camisaria Progresso, L.^{da}

RUA DE S. JULIÃO, 32

Telefone 2 0438 LISBOA Teleg.: PROGRESSO

INDÚSTRIA PORTUGUESA

MARCA REGISTADA



F.C.P.L.^{DA}

LISBOA

OS NOSSOS
ARTIGOS RECO-
MENDAM-SE
PELO SEU BOM
ACABAMENTO
E PREÇOS

Exportação para o Continente, Ilhas e Africa

Fabrico primoroso em:

Camisas, Cuecas, Colarinhos, Pijamas, etc., etc.

AVERY

Avery Portuguesa, L.^{da}

SÉDE

LISBOA

R. Braamcamp, 66-70

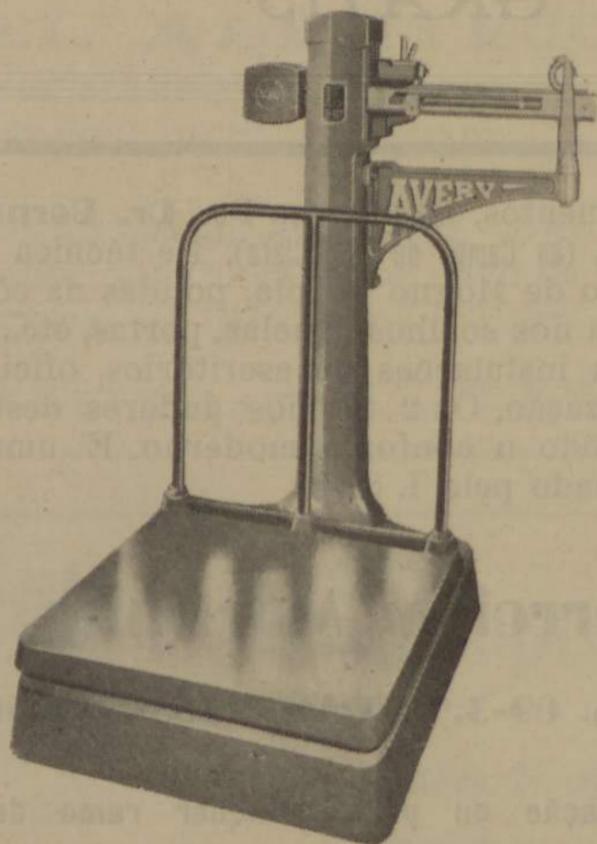
Telef- 4 2001

FILIAL

PORTO

R. D. João IV-23

Telef. 2 2144



BALANÇAS
e BÁSCULAS

BALANÇAS
e BÁSCULAS

LUÍS DE MELLO DO REGO

IMPORT.
EXPORT.

ARMADOR

AGENTE DE NAVEGAÇÃO

MATERIAL TÉCNICO

Matérias primas para a indústria

SEDE:

Rua do Alecrim, 12

Telef. 2 1822-2 2404

Teleg. «Radiante»

LISBOA

Companhia União Fabril

O MAIOR AGRUPAMENTO INDUSTRIAL
DA PENÍNSULA IBÉRICA

Ao serviço da lavoura portuguesa

Rua do Comércio, 49

L I S B O A

Rua Sá da Bandeira, 84

P O R T O

COMPANHIA

«**Cimento Tejo**»

FÁBRICA EM ALHANDRA

CIMENTO PORTLAND ARTIFICIAL



FERRO PARA FUNDIÇÃO

SEDE:

Rua da Vitória, 88-2.º — LISBOA

Telefones 2 8552 — 2 8553

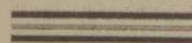
FILIAL:

Avenida dos Aliados, 20-3.º — PORTO

Telefone 1551

Alfred Herbert, Ltd.

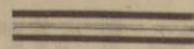
COVENTRY



Tornos revolveres e automáticos

Engenhos de furar

Frezes, Limadores e Escateladores



AGENTES:

Ahlers, Lindley, Ltd.^a

RUA DO FERREGIAL DE BAIXO, 33-2.º

LISBOA

TELEF. 21 321/4

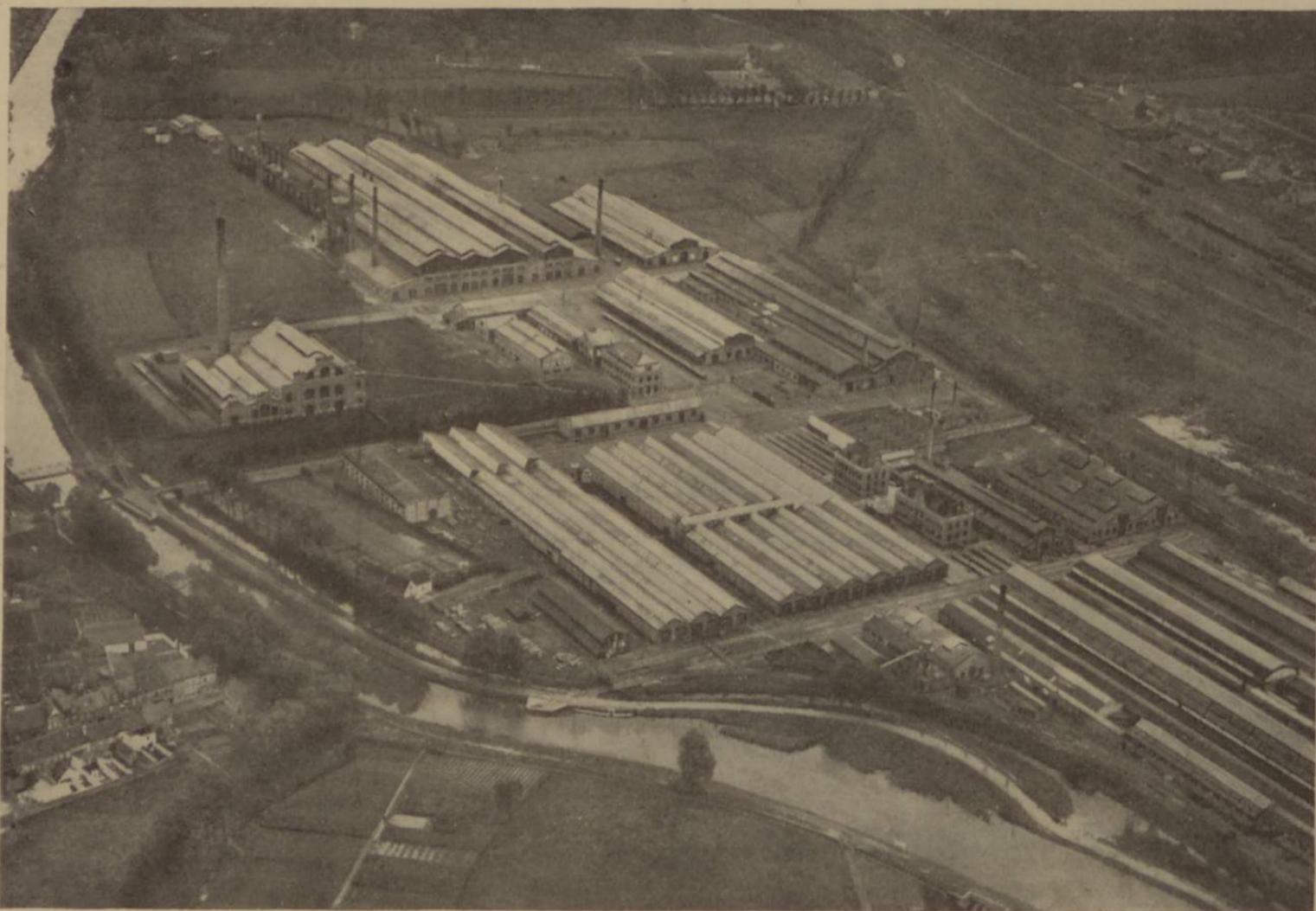
TELEG. RALERS

La Brugeoise et Nicaise & Delcuve

SOCIEDADE ANÓNIMA

Fábricas d'Aços, Forjas e Estaleiros de Construcção

S.T MICHEL-LEZ-BRUGES E LA LOUVIÈRE (BÉLGICA)



Vista aérea das fábricas em S.º Michel-lez-Bruges

Carruagens de LUXO e ordinárias para Caminhos de Ferro e «Tramways»; Automotoras; Fourgons; Wagons

de todos os tipos e para todas as capacidades

Pontes, Estructuras, Reservatórios, Gazómetros e todas as construcções metálicas rebitadas e soldadas
Peças em Aço moldado—Peças em ferro fundido
Molas—Aparelhos de Via

REPRESENTAÇÃO GERAL PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

CARLOS EMPIS — Rua de S. Julião, 23 — LISBOA

CUPRINOL

- As madeiras, agora mais que nunca, devem ser protegidas contra o apodrecimento provocado pelos fungos e insectos roedores: **formiga branca, escaravelho, besoiro, etc.**
- Os esporos dos fungos estão sempre presentes nas madeiras, aguardando condições favoráveis para se desenvolverem e deste modo invadirem com os seus tentáculos as madeiras até completa destruição.
- Evite com poucas centenas de escudos, um prejuizo de muitas dezenas de contos.
- CUPRINOL é o único produto que, na sua fórmula, contém sais organo-metálicos que se combinam com as fibras de madeira e a protegem não temporariamente **mas permanentemente.**

CUPRINOL — não é solúvel na água.

CUPRINOL — Não repassa as tintas nem os estuques.

CUPRINOL PARA MADEIRAS.

CUPRINOL PARA REDES DE PESCA, CORDAS, LONAS DOS TOLDOS, BARRACAS, ETC.

UM PRODUTO DA

Soc. **ROBBIALAC, L.^{DA}**

15, RUA NOVA DO CARVALHO — LISBOA

TELEFONES: 2 7000 — 3 2929

ALGUMAS AFIRMAÇÕES DO DISTINTO CONSTRUTOR CIVIL ANTÓNIO FERREIRA

O construtor civil, sr. António Ferreira, diplomado em 1924 pelo Instituto Industrial de Lisboa é um nome de prestígio na sua classe. Produto do seu próprio esforço e tendo começado por ser um simples operário da construção civil, desde longa data que o sr. António Ferreira se impoz pela sua inteligência e pela sua honestidade, sendo numerosos os edifícios e obras a que ligou brilhantemente o seu nome e a sua profissão. Com efeito, é já longa a lista dos valiosos trabalhos efectuados por este distinto construtor civil. Vamos citar alguns, de entre os mais valiosos:

Dois magníficos edifícios na Estrada da Luz: um, destinado à fábrica de lãs, outro, com o n.º 94, para habitação, pertencentes, respectivamente, ao snrs. Constantino Teixeira e capitão Grave; um lindo edificio na Avenida do Aeroporto; uma encantadora moradia, sob projeto do architecto Castro Freire, no talhão 33 do prolongamento da Avenida Almirante Reis. Também construiu no Estoril a moradia que saiu no sorteio dos «Inválidos do Comércio».

Como empreiteiro de obras do Estado, tem afirmado não só a sua competência como também a sua honestidade. Como nota final, recordamos mais estas construções importantes: dois edificios na Estação do Rossio, fachada do lado sul, compostos de dois pisos e destinados, um ao pessoal braçal, o outro a Inspectores, e um edificio para enfermaria da Colónia de Férias da C. P., na Praia das Maças.

O construtor civil sr. António Ferreira tem instalados os seus escritórios numa linda vivenda na Rua dos Soeiros, (à Estrada da Luz, n.ºs 337 - 337-A), com telefone n.º 58 445, em Lisboa.

Laboratórios da Farmácia

BARRAL

JAYME ALVES BARATA, LIMITADA

RUA AUREA, 124-1.º — LISBOA

Telef.: P. P. C. A. 3 1531 — 3 1532 — 3 1533

CASA FUNDADA EM 1835



*Especialidades para uso interno e externo
sob todas as formas farmacêuticas.*

*Solutos injectáveis — Pensos esterilizados e
anti-sépticos — Preparados galénicos.*

*Corantes para microscopia — Solutos indi-
cadores para pH (método colorimétrico).*

Solutos reagentes titulados.



ANÁLISES CLÍNICAS

MATERIAL DE LABORATÓRIO,

MEDICINA E CIRURGIA

Representantes no Porto:

QUÍMICO-SANITÁRIA, L.^{DA}

**NORWICH UNION FIRE
INSURANCE**

SOCIETY LIMITED

**COMPANHIA INGLESA DE SEGUROS, ESTABELECIDIA
EM PORTUGAL EM 1824**

Seguros de:

INCÊNDIO

AUTOMÓVEIS E RESPONSABILIDADE CIVIL

BAGAGENS PESSOAIS

AÉREO

ROUBO

QUEBRA DE VIDROS

RESPONSABILIDADE CIVIL

Agentes Gerais em Portugal:

James Rawes & Co. Ltd.

Travessa do Corpo Santo, 9-1.º, Dt.º

Telefones: 2 3232/3/4

LISBOA



AGENTE GERAL NO PAÍS:
SILVA, CALDEIRA & MAGALHÃES, L.^{DA}
 Rua de S. Julião, 32 LISBOA
 Telefone 2 8125 Teleg. SILCAMA

PARQUE VACINOGÉNICO DE LISBOA
 Fundado em Janeiro de 1888 - 60 anos de existência
 Director: DR. CARLOS BARRAL MONIZ TAVARES
VACINA PORTUGUESA CONTRA A VARIOLA
 Vacina de Vitelas - Verdadeiro Cow-Pox

A vacina fornece-se nas seguintes embalagens:

- Tubos para 3 vacinações
- » para 10 vacinações
- » para 15 vacinações
- Frascos para 50 vacinações
- » para 100 vacinações

VACINA SECA

Para empregar em Africa e em Países de clima quente: Empolas com vacina em pó para vacinações. Empolas com vacina em comprimidos para 50 vacinações. A vacina seca vai acondicionada em caixas contendo o necessário para a preparação da vacina no momento de ser empregada

À VENDA NAS BOAS FARMÁCIAS
Avenida Almirante Reis, 30 e 30-A
 Telef. 4 8740 End. Teleg.: VACINA - LISBOA

António Moreira, L.^{da}

ARTIGOS GRÁFICOS
 TINTAS DE IMPRESSÃO
 TIPOS DE METAL
 TIPOS DE MADEIRA

Praça dos Restauradores, 13-2.^o LISBOA
 TELEF. 2 9822

SOCIEDADE IMPORTADORA
LATEX, L.^{DA}

ARTIGOS DE BORRACHA, ACESSÓRIOS DE FARMÁCIA, ADJUVANTES MÉDICOS, ALGODÕES E GAZES, PERFUMARIAS E ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS

RUA DA MADALENA, 133-1.^o e 135-137
 Telefone PBX 2 8702
 3 1801 LISBOA

FRIGORÍFICO CENTRAL, LTD.

Conservação de géneros de alimentação e fabricação de gelo

Cais da Viscondessa - LISBOA
 TELEFONE 6 1247

Artigos de Escritório e Escolar Manipulação de Sacos de Papel - Tintas Nacionais e Estrangeiras
 Tipografia e Encadernação

ARMAZÉM DE PAPÉIS

Sociedade de Papelarias Peralta, L.^{da}

VARIEDADE EM FIOS DE ALGODÃO, SISAL E VELA

FÁBRICA SÉDE
 R. DAS FARINHAS, 46 A 50 RUA DA MADALENA, 130
 Telef. 2 7829 Telef. 3 2834
LISBOA

Casa Atlântica de Viagens, L.^{da}

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS
 —:— PARA TODO O MUNDO —:—

TURISMO E VISTOS
Rua Capelo, 4-A - LISBOA

Telefones } 2 9471
 } 3 2294 - Teleg. CATAVIAGEES

SCIAL

Sociedade de Construções e Indústrias Anexas, L.^{da}
 MOSAICOS E AZULEJOS HIDRÁULICOS
 Fábricas em LISBOA, PORTO e OEIRAS

Escritório - Exposição:

LISBOA PORTO
 Travessa do Corpo Santo, 15 R. do Bonjardim, 205
 Telef.: P. P. C. 2 0464-31852 Telef. 2 5779

FÁBRICAS:

Telefs.: Lisboa 3 7811 Porto: 2 6010 Oeiras: 33